



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA
REGIONAL**

SUÊNIA KDIDIJA ARAÚJO FEITOSA

**RECEPÇÃO DO MOVIMENTO RORAIMEIRA: IDENTIFICAÇÃO,
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Boa Vista - RR
2014

SUÊNIA KDIDIJA ARAÚJO FEITOSA

**RECEPÇÃO DO MOVIMENTO RORAIMEIRA: IDENTIFICAÇÃO,
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Nível Mestrado - da Universidade Federal de Roraima, para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional.

Orientação: Prof.Dr. Roberto Mibielli.

Boa Vista - RR
2014

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Biblioteca Central Universidade Federal de Roraima

F311r Feitosa, Suênia Kdidija Araújo.

Recepção do Movimento Roraimeira: identificação, apropriação e construção identitária / Suênia Kdidija Araújo Feitosa. -- Boa Vista, 2014.
106 f.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Mibielli.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Letras.

SUÊNIA KDIDIJA ARAÚJO FEITOSA

**RECEPÇÃO DO MOVIMENTO RORAIMEIRA: IDENTIFICAÇÃO,
APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Nível Mestrado - da Universidade Federal de Roraima, para obtenção do título de Mestre em Letras, defendida em 17 de abril de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Roberto Mibielli (orientador) - UFRR

Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca – UFF/UERJ

Prof. Dr. Fábio Almeida de Carvalho – Insikiran/PPGL-UFRR

À Maria do Socorro Araújo Feitosa, MÃE, por ser fonte inesgotável de dedicação, carinho, amizade... Enfim, amor.

Ao meu PAI, Antônio Feitosa de Araújo, pela proteção e pela torcida, mesmo que silenciosa...

Às minhas IRMÃS, Soraya e Sâmella e ao meu IRMÃO Demétrio, por estarem sempre presentes.

Ao meu AMOR, Wildison Silva dos Santos, pela inspiração...

Agradeço a **Wildison Silva dos Santos**, pela colaboração, dedicação e por me fazer rir nos momentos de agonia...

Ao **Roberto Mibielli**, pela orientação instigadora e pela paciência.

À **Soraya de Araújo Feitosa** e à **Sâmella Kalyne de Araújo Feitosa**, pela colaboração e companheirismo.

À **Raiane Costa dos Santos**, pelo apoio e amizade.

À **Mirella Miranda de Brito Silva**, pelos conselhos e pela amizade.

A toda equipe do **Projeto de Pesquisa Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**, pelas grandes contribuições, inclusive na tabulação dos dados analisados em minha pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, pelos conselhos e orientações.

Aos professores **José Luís Jobim** e **Devair Fiorotti**, pelas grandes contribuições na banca de qualificação da pesquisa.

À **Leocádia Soares de Oliveira**, pela cessão da entrevista que fez a Eliakin Rufino, no ano de 2010.

Ao **CNPq**, pelo apoio e financiamento do Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia, no qual este estudo está inserido.

À **CAPES**, pelo subsídio da Bolsa Demanda Social.

Aos **alunos, professores, gestores, coordenadores e bibliotecários** das escolas públicas de ensino médio de Roraima, pela gentil participação na pesquisa.

“Escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos”.

Antonio Candido.

RESUMO

Esta pesquisa procurou analisar a recepção da produção lítero-musical do movimento Roraimeira (movimento cultural iniciado no Estado de Roraima, em 1984, que buscou discutir o problema da identidade local) entre leitores de escolas públicas de ensino médio da capital do Estado de Roraima, que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, tendo em vista a distância temporal entre o estágio letivo desses estudantes e o auge do movimento. Nesse sentido, pretendemos mapear a permanência dessa produção local entre um público jovem, inserido no espaço ideal para a formação de uma estrutura canônica no Estado, a escola pública. Dessa maneira, buscamos dimensionar, através do público escolar de hoje, a abrangência das representações identitárias construídas nos textos do movimento, pois, tais produções pretenderam refletir a cultura local. No tocante à metodologia, este estudo insere-se no campo da pesquisa social. Assim, utilizamos elementos e categorias dos dois paradigmas desse tipo de pesquisa, o quantitativo e o qualitativo. A partir dos métodos selecionados, tabulamos questionários respondidos por 3.722 estudantes de seis escolas públicas de ensino médio de Boa Vista, capital de Roraima. A localização das escolas foi o critério de seleção. Assim, selecionamos escolas situadas nas quatro zonas urbanas da cidade e no centro.

Palavras-chave: Recepção. Movimento Roraimeira. Identidade. Permanência

RESUMEN

Esta investigación buscó examinar la recepción de la producción literaria-musical del movimiento Roraimeira (movimiento cultural iniciado en el estado de Roraima, en 1984, que pretendía discutir la identidad local) entre los lectores de las escuelas secundarias públicas de la capital del estado de Roraima, que iniciaron su vida escolar en la primera década de este siglo, teniendo en cuenta la distancia temporal entre el escenario académico de estos alumnos y el apogeo del movimiento. En consecuencia, hemos tratado de asignar la permanencia de esta producción local entre un público joven, insertado en el espacio ideal para la formación de una estructura canónica en el estado, la escuela pública. Por lo tanto, buscamos escalar a través de la escuela pública de hoy, el alcance de las representaciones de identidad construidos en los textos del movimiento, porque este tipo de producciones fueron destinadas a reflejar la cultura local. En cuanto a la metodología, este estudio se encuadra dentro del campo de la investigación social. Por ello utilizamos elementos y categorías de los dos paradigmas de este tipo de investigación, cuantitativa y cualitativa. A partir de los métodos seleccionados, tabulamos cuestionarios aplicados a 3.722 estudiantes de seis escuelas secundarias públicas en Boa Vista, capital de Roraima. La ubicación de las escuelas fue el criterio de selección. De este modo, se seleccionaron seis escuelas ubicadas en las cuatro zonas urbanas y en el centro de la ciudad.

Palabras-clave: Recepción. Movimiento Roraimeira. Identidad. Continuidad.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

UFRR – Universidade Federal de Roraima

SECD/RR – Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do Estado de Roraima

E. E. – Escola Estadual

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Distribuição das escolas na zona norte.....	54
Quadro 02: Distribuição das escolas na zona sul.....	54
Quadro 03: Distribuição das escolas na zona leste.....	55
Quadro 04: Distribuição das escolas na zona oeste.....	56
Quadro 05: Nomenclatura das seis escolas pesquisadas.....	58
Quadro 06: Índice de citações do Roraimeira na escola A1.....	59
Quadro 07: Índice de citações dos três representantes na escola A1.....	59
Quadro 08: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola A1.....	60
Quadro 09: Índice de citações das produções locais na escola A1.....	60
Quadro 10: Produções locais citadas na escola A1.....	61
Quadro 11: Índice de citações de outros escritores locais na escola A1...	64
Quadro 12: Outros escritores locais citados na escola A1.....	64
Quadro 13: Índice de citações do Roraimeira na escola B1.....	66
Quadro 14: Índice de citações de outros escritores locais na escola B1...	67
Quadro 15: Índice de citações do Roraimeira na escola C1.....	67
Quadro 16: Índice de citações dos três representantes na escola C1.....	68
Quadro 17: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola C1.....	69
Quadro 18: Índice de citações das produções locais na escola C1.....	69
Quadro 19: Produções locais citadas na escola C1.....	70
Quadro 20: Índice de citações de outros escritores locais na escola C1...	71
Quadro 21: Outros escritores locais citados na escola C1.....	71

Quadro 22: Índice de citações do Roraimeira na escola D1.....	73
Quadro 23: Índice de citações dos três representantes na escola D1.....	73
Quadro 24: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola D1.....	74
Quadro 25: Índice de citações das produções locais na escola D1.....	75
Quadro 26: Produções locais citadas na escola D1.....	75
Quadro 27: Índice de citações de outros escritores locais na escola D1...	76
Quadro 28: Outros escritores locais citados na escola D1.....	76
Quadro 29: Índice de citações do Roraimeira na escola E1.....	78
Quadro 30: Índice de citações do Roraimeira na escola E2.....	79
Quadro 31: Índice de citações dos três representantes na escola E2.....	80
Quadro 32: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola E2.....	80
Quadro 33: Índice de citações de outros escritores locais na escola E2...	81
Quadro 34: Outros escritores citados na escola E2.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Índice de citações dos representantes do Roraima nas seis escolas pesquisadas.....	84
Gráfico 02: Índice de citações dos representantes do Roraima e de outros escritores locais.....	85
Gráfico 03: Índice de citações dos três representantes do Roraima nas seis escolas de Boa Vista.....	86
Gráfico 04: Índice de citações dos representantes do Roraima por série de ensino.....	88
Gráfico 05: Índice de citações das produções locais.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 METODOLOGIA DA PESQUISA	19
1.1 Um olhar sobre a pesquisa social	20
1.2 Descrição do objeto	21
1.3 Descrição e Análise Quantitativa e Qualitativa	23
1.4 Paradigma indiciário	24
2 RORAIMA E RORAIMEIRA: paisagem, identidade e topofilia	26
3 ALGUMA TEORIA	37
3.1 O Roraimeira e os depoimentos de efetivação	38
3.2 Estética da Recepção: as relações entre o texto e o leitor	42
3.3 O Sistema Literário e Seus Denominadores	45
3.3.1 O fazer literário: um olhar sobre o autor	46
3.3.2 A obra literária	47
3.3.3 O leitor: funções da leitura literária	50
4 ANÁLISE DOS DADOS	53
4.1 As zonas urbanas de Boa Vista e as instituições de ensino	53
4.2 Níveis de recepção do movimento Roraimeira nas escolas públicas de ensino médio de Boa Vista	57
4.2.1 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: centro	58
4.2.2 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona norte	66
4.2.3 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona sul	67
4.2.4 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona leste	73
4.2.5 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona oeste	78
4.3 Análise comparativa	84
Considerações finais	91
Referências	93
Anexos	100

INTRODUÇÃO

No início da década 80 do século XX, nasceu em Roraima um movimento cultural chamado Roraimeira. Segundo Oliveira; Wankler; Souza (2009), esse movimento buscou discutir o problema da identidade cultural roraimense através da "produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local" (2009. p. 28). Os autores explicam ainda que, durante esse movimento, "a literatura e a música se interpenetraram, criando um tecido poético marcado por uma multiplicidade de vozes e feições (2009. p. 28)." Nesse sentido, trataremos neste texto a produção do movimento enquanto uma produção lítero-musical, considerando as suas características pretensamente literárias.

Roraimeira, a princípio, era o nome de uma canção¹, composta em 1984, por Zeca Preto, um dos fundadores do movimento. O título da canção passou a denominar também o movimento porque, segundo Oliveira; Wankler; Souza (2009), essa foi a primeira canção que buscou retratar as identidades locais.

Além de Zeca Preto, o movimento teve como fundadores Eliakin Rufino e Neuber Uchôa. Assim, os três artistas foram os que mais se destacaram no Roraimeira, conforme afirma Souza (2013):

[...] no Movimento, os três artistas que ficaram mais conhecidos, acabando por se transformar em seus ícones máximos, foram Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto, conhecidos como 'trio Roraimeira' ou 'regionalíssima trindade' (SOUZA, 2013, p. 42).

De acordo com Oliveira; Wankler; Souza (2009), o movimento Roraimeira pode ser dividido em duas fases: "a primeira dedicada à exaltação estética da paisagem natural e das culturas do povo, fase fortemente marcada pelo desejo de construção de uma identidade local" (2009. p. 28); e a segunda, "voltada para manifestações críticas acerca dos problemas da região (2009. p. 28);". O primeiro momento do Roraimeira perdurou até o ano 2000, e o segundo ainda encontra-se em desenvolvimento.

¹ A canção **Roraimeira** está exposta na página 28.

Vários textos do Roraimeira, entre canções e poemas, (tanto da primeira quanto da segunda fase) já foram e estão sendo objeto de análise para projetos de pesquisa no âmbito da representação da cultura local, pois alguns professores-pesquisadores de Roraima entendem que o movimento seja um dos principais construtores de uma imagem do Estado, assim como os próprios integrantes do movimento, que se autointitulam enquanto maiores representantes da cultura local. Entretanto, a produção do Roraimeira parece ser conhecida apenas por uma parcela da população de Roraima, hipótese analisada neste estudo e que será discutida no quarto capítulo desta dissertação. Desse modo, nos vemos diante do seguinte questionamento: será que a maior parte do público conhecedor do movimento é formada por uma espécie de elite? Se a resposta for positiva, então o ato de considerar que o Roraimeira seja um dos principais representantes da identidade de Roraima, como ocorre em vários estudos locais, sem levar em consideração a sua recepção fora dessa “elite”, pode ser entendido como um comportamento ideológico² sustentado por um grupo de pesquisadores locais que acreditam no papel de referência cultural do movimento.

Por essa razão, notamos a necessidade de analisar dados empíricos que revelassem o nível de recepção do Roraimeira, especialmente no aspecto de sua permanência no imaginário da população do Estado de Roraima. Em vista disso, a proposta foi investigar a efetiva recepção do movimento entre um público jovem, entre leitores/ouvintes de escolas públicas de ensino médio da capital Boa Vista que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, tendo em vista a distância temporal entre o estágio letivo desses estudantes e o auge do Roraimeira, bem como a perspectiva de que a escola é “reconhecidamente uma instituição de leitura” (SILVA, 2002, p. 54). Assim, fez-se necessário observar se há uma leitura dos textos do Roraimeira e indícios de existência de uma memória coletiva e/ou culto a essa produção lítero-musical a partir da ideia de permanência da herança simbólica, postulada por Antonio Candido (2010). Vale ressaltar que pesquisamos a recepção apenas dos três principais representantes do Roraimeira

² Utilizamos o termo “ideológico” conforme o conceito de *ideologia*, proposto por Karl Marx. Segundo o teórico, a ideologia é “um conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade”. In LOWY, Michael. **Ideologia e Ciência Social**. São Paulo: Cortez, 1985. p. 12.

(Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto) por ausência de referencial teórico sobre os outros artistas que contribuíram com o movimento.

Os alunos em questão, já nos anos de 2010 e 2011, responderam ao questionário³ pertencente ao Projeto **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**⁴, que foi utilizado como parte do *corpus* desse estudo, no qual consta uma pergunta específica sobre o conhecimento de textos da literatura/poesia local, sendo essa selecionada para a presente pesquisa. Entretanto, como a pergunta não questiona especificamente quanto ao conhecimento do movimento Roraimeira, foi necessário trabalhar com indícios, fato pelo qual adotamos uma variação do paradigma indiciário em nossa metodologia.

Torna-se necessário apresentar, brevemente, os aspectos fundamentais do projeto de pesquisa supracitado. A seguir, um trecho retirado do texto inicial que compõe o projeto:

O projeto "LITERATURA E ENSINO EM RORAIMA: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia" é, a partir deste contexto de inexistência de informações sobre a leitura escolar literária, uma proposta de investigação surgida a partir de fatores que, quer em conjunto, quer separadamente, já seriam justificativa suficiente para que se pensasse em construí-lo e levá-lo a cabo. O primeiro destes é o fato de que Roraima é um Estado ainda relativamente jovem, praticamente isolado do restante do Brasil (pelas barreiras naturais amazônicas), que teve sua vocação para a pesquisa despertada em período recente e, praticamente, apenas em função da criação da UFRR, na década de 1990, e da capacitação paulatina de seus professores, ao longo dos últimos anos; outro fator preponderante, dentre nossos argumentos, que confere validade a nosso projeto, é a necessidade de conhecer e entender científica e academicamente esta realidade, em grande parte ainda desconhecida; pode-se dizer também, em favor desta proposta e de modo mais específico, que, em termos de literatura e dos processos de divulgação e recepção desta, muito pouco, ou quase nada, se conhece aqui do Estado; há ainda o argumento de que não há nenhuma pesquisa significativa, em andamento ou já concluída, que dê conta do histórico, em termos escolares, de ensino da literatura, aqui; por outro lado, se não há um histórico da abordagem do objeto literário em sala de aula, tão pouco há pesquisas que demonstrem se há troca de influências com outras

³ O questionário da pesquisa encontra-se no anexo 01.

⁴ Projeto fomentado pelo CNPq, aprovado em duas etapas pelos editais Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Universal 2010, que visa o levantamento e análise do que e como se lê, em termos de literatura, em escolas do ensino médio regular do estado de Roraima. Coordenado pelo Prof. Dr^o. Roberto Mibielli.

literaturas nas regiões fronteiriças ou de contato (MIBIELLI; SILVA, 2010).

Como argumentado no texto inicial do projeto, muito pouco ou quase nada se conhece aqui no Estado “em termos de literatura e dos processos de divulgação e recepção”. Assim, o presente estudo **Recepção do Movimento Roraimera: identificação, apropriação e construção identitária** se caracterizou enquanto um subprojeto, com a finalidade de captar informações sobre os níveis de recepção da produção lítero-musical de Roraima.

O questionário do projeto **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia** foi aplicado em todas as escolas públicas de ensino médio de Boa Vista e em 30 escolas dos demais municípios do Estado. Dois tipos de questionários foram aplicados, um para discentes e outro para docentes da área de Língua Portuguesa e Literatura. Além da aplicação do questionário, a metodologia da pesquisa também foi composta por entrevistas aos gestores das escolas visitadas e aos bibliotecários. Outros tipos de registros também foram coletados, como filmagens das bibliotecas das escolas, com a intenção de analisar os espaços de leitura e o acervo literário existente nas instituições de ensino público de Roraima. É preciso salientar que desde 2010 já figuro como aluna-pesquisadora nesse projeto “gerador”.

Pesquisar a recepção dos textos produzidos em Roraima faz-se necessário para que se possa mapear a permanência destes no imaginário do leitor. No nosso caso, buscamos o leitor inserido no espaço ideal para a formação de uma estrutura canônica no Estado (a escola), a partir de “textos que pretenderam refletir a cultura local e que tomaram a paisagem como inspiração” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009). Dessa maneira, pesquisar a recepção do movimento contribuiu para que pudéssemos dimensionar, através do público escolar de hoje, a abrangência de suas publicações a partir da ideia de permanência enquanto elemento chave para a canonização de um texto/obra. Em vista disso, os objetivos que nortearam esta pesquisa foram postulados da seguinte forma: observar os índices quantitativos da recepção da produção lítero-musical do movimento Roraimera em seis escolas públicas de ensino médio de Boa Vista, localizadas nas quatro zonas urbanas da cidade e no centro; observar a efetiva

recepção, com base em métodos quantitativos e qualitativos, da produção lítero-musical do movimento Roraimeira nas escolas públicas de ensino médio de Boa Vista-RR; analisar a possibilidade de existência de uma memória coletiva e/ou culto à obra do Roraimeira entre leitores escolares que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, ou seja, a possível segunda geração do público do movimento.

O primeiro capítulo desta dissertação, **METODOLOGIA DA PESQUISA**, descreve e justifica os procedimentos metodológicos adotados, o universo pesquisado e os recortes da pesquisa.

O segundo capítulo, **RORAIMA E RORAIMEIRA: paisagem, identidade e toponímia**, pretende familiarizar o leitor quanto ao Estado de Roraima e ao movimento Roraimeira.

O terceiro capítulo, **ALGUMA TEORIA**, apresenta o referencial teórico utilizado neste estudo, expondo em seu primeiro subitem, **3.1. O Roraimeira e os depoimentos de efetivação**, uma discussão sobre os argumentos em torno do papel de referência cultural do movimento. No segundo subitem do terceiro capítulo, **3.2. Estética da Recepção: as relações entre o texto e o leitor**, discutimos os processos de recepção do texto. Em seguida, no subitem **3.3. O Sistema Literário e Seus Denominadores**, tratamos da constituição do sistema literário, da formação de leitores e das funções da leitura literária.

Os dados coletados durante a realização do estudo são apresentados e discutidos no quarto capítulo, intitulado **ANÁLISE DOS DADOS**.

1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme citado na introdução desta dissertação, este estudo está inserido em um projeto maior: **Literatura e Ensino em Roraima: O Cânone e a invenção escolar da Amazônia**. Esse projeto é fomentado pelo CNPq, foi aprovado em duas etapas pelos editais Ciências Humanas / Sociais Aplicadas e Universal 2010 e tem como objetivo central o levantamento e análise do que e como se lê, em termos de literatura, em escolas do ensino médio regular de Roraima. O contexto em que se insere a proposta do projeto abrange 100% dos municípios do Estado, com o total de 15 cidades: Amajari, Alto Alegre, Boa Vista, Bonfim, Cantá, Caracarái, Caroebe, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, Rorainópolis, São Luis, São João da Baliza e Uiramutã. Essa pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, pretendeu-se “mapear o que se lê nas escolas de Roraima nos dias de hoje, fazendo visitas às instituições, entrevistando professores e alunos, procurando formar uma lista confiável de obras de referência” (MIBIELLI; SILVA, 2010). Na segunda etapa os procedimentos foram os mesmos da primeira, mas ocorreram ao longo do ano escolar de 2012. Nessa etapa houve a tentativa de “identificar os mesmos protagonistas das entrevistas e questionários anteriores, para verificar se houve variação considerável nas respostas apresentadas” (MIBIELLI; SILVA, 2010).

Durante a primeira etapa da pesquisa, ocorreu o mapeamento sobre o que se lê nas escolas públicas de Roraima através da aplicação de questionários aos professores e alunos, além de entrevistas aos gestores e bibliotecários e filmagens dos acervos e espaços de leitura das instituições. O número de alunos que respondeu ao questionário em todo o Estado foi de 10.946, sendo 8.433 na capital e 2.513 nos demais municípios. O questionário direcionado aos discentes era composto de 32 perguntas, que abrangiam temas que iam desde “o interesse pela literatura, [à] quantidade de livros lidos por ano, nomes de livros e autores lidos recentemente até se a leitura se dava apenas como consequência da exigência escolar ou se se tratava de costume” (MIBIELLI; SILVA, 2012). Os números da segunda etapa ainda estão sendo computados.

É importante ressaltar a valiosa aprendizagem que conquistei durante todas as etapas desse projeto maior. Visitar as escolas públicas da capital e dos demais municípios, conversar com os professores, gestores e bibliotecários e tabular as respostas dos alunos me possibilitou uma ampla visão do processo de leitura existente no sistema de ensino público em Roraima.

1.1 Um Olhar Sobre a Pesquisa Social

O presente estudo insere-se no campo da pesquisa social, tendo em vista que nosso objeto de análise está relacionado com a instituição de ensino, especificamente com escolas públicas de ensino médio de Boa Vista, RR.

Nossa metodologia adotou algumas categorias e elementos de dois paradigmas da pesquisa social, o quantitativo, “que deriva do positivismo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 10) e o qualitativo, que deriva do interpretativismo. Desse modo, nosso estudo engendrou alguns aspectos dessas duas principais tradições da pesquisa social.

O paradigma positivista (tradição lógico-empirista), de acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p. 13), “privilegia a razão analítica, buscando explicações causais por meio de relações lineares entre fenômenos”. Nesse sentido, o presente estudo adotou alguns elementos desse paradigma para a construção do mapeamento do nível quantitativo da recepção da produção do movimento Roraimeira entre jovens estudantes de ensino médio, nos anos de 2010 e 2011, de Boa Vista.

O paradigma interpretativista (tradição interpretativa ou hermenêutico-dialética), segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 13), “pressupõe a superioridade da razão dialética sobre a analítica e busca a interpretação dos significados culturais”. Dessa forma, pretendemos com a utilização de algumas categorias desse paradigma uma análise aprofundada dos dados obtidos a partir das respostas dos alunos ao questionário do projeto **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**, utilizado neste estudo.

Em relação à pesquisa social, Gil (2010) salienta que todo processo oriundo desse tipo de pesquisa deve apresentar planejamento, coleta de dados, análise, interpretação e redação do relatório. O autor explica ainda que “cada uma dessas grandes etapas pode ser subdividida em outras mais específicas, dando origem aos mais diversos esquemas (GIL, 2010, p. 31).” Assim, a presente pesquisa adotou todas essas etapas, bem como suas subdivisões com o fito de captar o maior número de informações sobre a recepção da produção do Roraima a partir do público pesquisado. As etapas e subdivisões desta pesquisa estão descritas nos itens 1.2, 1.3, e 1.4.

1.2 Descrição do Objeto

Dois motivos levaram a escolha da temática desta pesquisa. O primeiro deles partiu da experiência adquirida no Projeto de Pesquisa **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**, em suas duas etapas.

Durante a tabulação dos questionários, especificamente da questão 30, que indagava aos alunos quanto ao conhecimento de autores/poesias/textos locais, observei a grande quantidade de alunos que respondia não conhecer textos do Roraima. Os principais integrantes do movimento raramente eram citados nas respostas dos estudantes. Esse fato me intrigou porque sempre ouvira de meus professores, ainda na graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, que o grupo Roraima era responsável pela veiculação de uma imagem identitária de Roraima, fato que os primeiros dados quantitativos da pesquisa contrariavam.

Foi a partir desse contexto de raras respostas positivas sobre o contato com a produção local que comecei a esboçar os passos de um subprojeto que desse conta de analisar a efetiva recepção de uma parcela da produção lítero-musical de Roraima.

O segundo motivo que me orientou a escolher o tema da pesquisa surgiu do reconhecimento de que a escola é uma “instituição de leitura” (SILVA, 2002, p

54), e dessa forma, determina “em grande medida a criação, transmissão e cristalização do gosto” (JOBIM, 1996, p. 97), pois o professor, de acordo com Jobim (1996), assume um gosto literário e passa aos seus alunos, e isso gera uma espécie de corrente contínua. Nesse sentido, através da análise de dados obtidos nas escolas da capital do nosso Estado, pude me aproximar de uma gama de informações sobre a possível continuidade de uma parcela da produção literária local e saber se as nossas instituições de ensino determinam (e quais os níveis de determinação) a cristalização do gosto pelos textos do movimento Roraimeira.

Do universo que compõe o objeto de estudo do projeto **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**, ou seja, todas as escolas urbanas de ensino médio de Boa Vista e cerca de 30 escolas dos demais municípios de Roraima, optamos, para esta pesquisa, por um recorte composto apenas por seis escolas da capital distribuídas nas quatro zonas urbanas e no centro. Tal recorte nos forneceu o total de 3.722 alunos pesquisados. Dois fatores determinaram a seleção dessas seis escolas. O primeiro deles diz respeito ao cumprimento do prazo de conclusão da dissertação de Mestrado, tendo em vista que não haveria tempo hábil para analisar os dados das escolas dos demais municípios do Estado. O segundo reside no fato de que a capital abrange mais de 60% da população de Roraima, pois, de acordo com o censo do IBGE (2007), a população do Estado era de 460.165 habitantes, sendo que 290.741 residiam em Boa Vista e 169.424 residiam nos demais municípios.

A cidade de Boa Vista, de acordo com Silva; Almeida; Rocha (2009), é subdividida em quatro zonas urbanas: Norte, Sul, Leste e Oeste. Além dessas quatro zonas urbanas, o centro é considerado um território que também concentra uma parcela da população da cidade. Os escritores afirmam que atualmente a capital é composta por 54 bairros⁵ que estão distribuídos da seguinte forma: na zona norte estão situados os bairros 31 de Março, Aeroporto, Aparecida, Bairros dos Estados, Paraviana e São Francisco; na zona sul estão os bairros São Vicente, 13 de Setembro, Calungá, Distrito Industrial, Marechal Rondon e

⁵ No censo do IBGE de 2007, os bairros Doutor Airton Rocha, Laura Moreira, Murilo Teixeira Cidade e Governador Aquilino Mota Duarte não foram considerados.

Caetano Filho; na zona leste encontram-se os bairros Caçari, Canarinho e São Pedro; na zona oeste, que é a mais populosa da cidade, estão localizados os bairros Asa Branca, Alvorada, Araceli Souto Maior, Bela Vista, Burity, Caimbé, Cambará, Caranã, Cauamé, Centenário, Cidade Satélite, Cinturão Verde, Equatorial, Hélio Campos, Jardim Caranã, Jardim Primavera, Jardim Floresta, Jardim Tropical, Jôquei Clube, Liberdade, Mecejana, Nova Canaã, Nova Cidade, Olímpico, Operário, Pintelândia, Piscicultura, Pricumã, Raiar do Sol, Silvio Botelho, Silvio Leite, Santa Luzia, Santa Tereza, Tancredo Neves e Bairro União. Apenas 22 escolas públicas de ensino médio atendem à população de todas as zonas urbanas de Boa Vista.

Nos anos de 2010 e 2011, a equipe do projeto **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia** (composta pelo professor Dr^o. Roberto Mibielli, pela professora Msc^a Mirella Miranda de Brito Silva, pela professora Msc^a Hérica Maria Castro, por mim e por mais seis bolsistas PIBIC/PIBID) visitou todas as escolas de ensino médio localizadas no centro e nas zonas urbanas da capital, nas quais aplicou o questionário aos alunos e aos professores de Língua Portuguesa/Literatura.

1.3 Descrição e Análise Quantitativa e Qualitativa

Durante a pesquisa que originou nesta dissertação, buscamos fazer a tabulação dos questionários aplicados em seis escolas públicas de ensino médio da cidade de Boa Vista, distribuídas nas quatro zonas urbanas e no centro da cidade. A seleção das escolas ficou da seguinte forma: uma escola localizada no centro da cidade, uma escola localizada na zona norte, uma escola localizada na zona sul, uma escola localizada na zona leste e duas escolas localizadas na zona oeste. Pretendemos com essa seleção abranger todas as zonas urbanas da cidade, além do centro. Optamos por selecionar duas escolas da zona oeste por ser a zona mais populosa da capital, concentrando mais de 70% dos habitantes (SILVA; ALMEIDA; ROCHA, 2009). É importante ressaltar que a seleção das

escolas não pôde ser realizada a partir do critério da proporção em relação às zonas de localização, pois, na cidade de Boa Vista, as zonas não apresentam quantidades regulares de escolas. Assim, enquanto na zona sul há apenas uma escola pública de ensino médio, na zona oeste há dezessete. Dessa forma, a adoção do critério da proporção indicaria que todas as vinte e duas escolas da capital fossem selecionadas, o que tornaria inviável a realização da pesquisa respeitando o período de dois anos.

Do questionário voltado para os alunos da pesquisa original, que consta de 32 perguntas, foi computada/analísada para esta investigação apenas uma questão, a saber: 30) *Você conhece algum autor da Região Amazônica (preferencialmente de Roraima)? Qual (is)? E quais obras dele você conhece?* Desse modo, com a tabulação dos questionários das seis escolas selecionadas, mapeamos quantitativamente a recepção da produção do movimento Roraimeira entre os estudantes de ensino médio da capital, nos anos de 2010 e 2011, período que corresponde há mais de vinte e cinco anos do surgimento do Roraimeira.

Os elementos e categorias da pesquisa qualitativa foram de suma importância para analisar os seguintes aspectos: os índices de recepção do movimento em cada escola levando em consideração as zonas de localização; o índice de recepção em cada série do ensino médio; o índice de alusões a cada um dos três representantes e o índice de indicações de outros escritores e outros textos locais. Dessa maneira, o paradigma indiciário foi de extrema importância para analisar todos esses aspectos.

1.4 Paradigma Indiciário

O paradigma indiciário, de acordo com Ginzburg (1989), consiste em descobrir informações importantes através de indícios por vezes imperceptíveis. Assim, o paradigma indiciário permite, “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Em seu **Mitos, Emblemas e Sinais**, Ginzburg (1989) nos explica que esse paradigma emergiu no âmbito das ciências humanas por volta do final do século XIX. Para ilustrar a relevância desse método, o autor apresenta uma comparação entre três marcantes formas de uso: na pintura, por Giovanni Morelli; na literatura, por Arthur Conan Doyle (especificamente na criação de Sherlock Holmes); e na psicanálise médica, por Freud. Nos três casos, pistas permitiram “captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (1989, p. 150). As *pistas*, segundo Ginzburg (1989), equivalem a *sintomas* para Freud, *indícios* para Arthur Conan Doyle (Sherlock Holmes) e *signos pictóricos* para Morelli.

Diante da relevância desse paradigma para a aproximação de uma “realidade mais profunda”, seu uso foi indispensável para esta pesquisa, tendo em vista que nos concentramos na busca por indícios que revelassem a existência de uma memória coletiva e/ou culto a obra do movimento Roraimeira entre um público jovem, leitores que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI.

Seguimos os passos desse processo metodológico durante nossas análises com o fito de colher e compreender o maior número de informações referentes à relação entre os estudantes de ensino médio (2010/2011) de Boa Vista e os textos integrantes do movimento Roraimeira.

2 RORAIMA E RORAIMEIRA: paisagem, identidade e toponímia

O Estado de Roraima, de acordo com Magalhães (2008), possui uma área física⁶ de 224.298,9 km² e está localizado no Hemisfério Norte; ao sul, o Estado é cortado pela linha do Equador e tem limites comuns, ao norte, com a Venezuela e a República Cooperativista da Guiana; ao sul, com o Estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativista da Guiana e com o Estado do Pará; ao oeste, com o Estado do Amazonas e com a Venezuela. Diante do exposto, podemos afirmar que a diversidade fronteira de Roraima revela uma diversidade de culturas em contato, como também uma diversidade paisagística, e, conseqüentemente, uma diversidade identitária, já que o Estado está em “permanente contato com os estrangeiros da vizinhança” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009. p. 27), além de receber pessoas de várias partes do País, principalmente da Região Nordeste. E, é sobre essas duas diversidades – na paisagem e na identidade – que nos debruçaremos neste primeiro momento.

Torna-se importante ressaltar que entendemos paisagem neste estudo enquanto “matriz cultural” (CLAVAL, 1999, p. 64), pois seus elementos “servem como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos” e dessa forma tem a função de “transferir de uma geração a outra o saber, crenças, sonhos e atitudes sociais”. Partindo dessa perspectiva, entendemos que a paisagem, ao transmitir conhecimentos, valores e principalmente símbolos, contribui para a construção de identidades, pois de acordo com Woodward (2000, p. 8), “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Diante disso, propomos aqui uma discussão sobre as relações de interpenetração entre as nossas paisagens físicas diversas e as inúmeras identidades que habitam o Estado de Roraima.

Costa e Souza (2005) utiliza a expressão “território alegórico” para descrever a diversidade de Roraima. De acordo com o autor, o Estado é sancionado assimetricamente por mosaicos que compreendem serras, lagos, florestas de altitude, charcos, cerrados, etc. Porém, em relação aos cerrados

⁶ Segundo a Resolução n. 5 de 10 de outubro de 2002 do IBGE.

presentes na paisagem do Estado citados por Costa e Souza (2005), Barbosa & Miranda (2005) afirmam que:

No âmbito regional, os termos *savana*⁷, *cerrado* e *lavrado* identificam o mesmo tipo paisagístico em Roraima e poderiam ser integrados no **Bioma do Cerrado brasileiro**. Entretanto, por definição fitogeográfica, toda esta paisagem faz parte da ecorregião das '**Savanas das Guianas**', que pertence ao **Bioma Amazônia**. Esta diferenciação é importante porque, embora ambos [savana e cerrado] possuam a mesma aparência e estrutura física, existem especificidades ecológicas e florísticas que distinguem as savanas do extremo norte amazônico dos cerrados situados em outras regiões do país (BARBOSA; MIRANDA, 2005, p. 61. grifo nosso).

Dessa forma, Barbosa & Miranda (2005) salientam que existem diferenças entre cerrado e savana apesar das muitas características que os aproximam. Como se nota na explicação dos autores, esses dois tipos paisagísticos pertencem a biomas distintos: o cerrado pertence ao Bioma do Cerrado brasileiro e a savana pertence à ecorregião das Savanas das Guianas, que está inserida no Bioma Amazônia. Em vista disso, as especificidades ecológicas e florísticas da vegetação aberta do Estado de Roraima são denominadas savanas.

Apesar de a savana ser uma das características principais do nosso Estado, e o termo ser muito utilizado por pesquisadores locais e de outras partes do País, Barbosa & Miranda (2005) afirmam que esse termo vem sendo substituído por outro:

As formações não-florestais são comumente denominadas por '**lavrado**', um termo muito comum entre os habitantes locais e que vem sendo utilizado com mais frequência desde o início dos anos 1900 (BARBOSA; MIRANDA, 2005, p. 61. grifo nosso).

É realmente comum no âmbito local a utilização do termo "lavrado" para se referir às características naturais do Estado. A palavra está presente no cotidiano de muitos discursos dos povos que habitam Roraima, além de se fazer presente nos versos das produções poéticas locais.

De acordo com Barbosa & Miranda (2005), savana pode significar diversas fisionomias de vegetação aberta.

Em relação à diversidade paisagística em Roraima, Barbosa & Miranda (2005) ressaltam que “as áreas de savanas também se apresentam em forma de mosaicos” (2005, p. 61). Diante do exposto, notamos que, além do caráter plural existente no Estado em relação aos elementos de sua paisagem (savanas, serras, lagos, florestas de altitude e charcos), as savanas de Roraima também são diversificadas, sendo denominadas de “mosaicos” pelos autores, tendo em vista que existem muitas peculiaridades florísticas em suas extensões.

Outro pesquisador que destaca o caráter plural da paisagem roraimense é Guerra (1994 apud VERAS, 2009), ao afirmar que a paisagem física de Roraima pode ser classificada da seguinte forma:

- 1) Região do Baixo Rio Branco: caracterizada por apresentar terrenos geologicamente recentes e topografia monótona. A cobertura vegetal dessa região é de densa floresta do tipo Hiléia. Essa é a única área de Roraima que possui os mesmos caracteres da Amazônia, é um prolongamento da planície no sentido norte. Trata-se de uma área de extração vegetal.
- 2) Região do Alto Rio Branco: compreendendo as terras do vasto peneplano que está coberto com a vegetação de campos. A topografia também é monótona, não apresentando grandes contrastes de altitude.
- 3) Região Montanhosa: constituída pela serras do sistema Parima-Pacaraima, isto é, pelas serras que existem ao longo da fronteira com a Venezuela (GUERRA, 1994 apud VERAS, 2009).

Dessa forma, são várias as paisagens que podem ser encontradas no Estado de Roraima, desde topografias monótonas cobertas por florestas densas, até regiões montanhosas formadas por grandes e exuberantes serras. E, muitos desses “cenários” estão presentes nos versos da literatura local, principalmente na produção lítero-musical do movimento Roraimeira, como afirmam Wankler e Souza (2007):

Através da leitura de textos literários de diferentes gêneros, observa-se que muitos daqueles produzidos em Roraima têm as marcas da vida neste universo fronteiriço, habitado por índios e não-índios, ‘incrustado’ entre a Venezuela e a Guiana ‘Inglesa’ [...] Nas letras das canções, em grande parte adaptações de poemas de escritores nascidos ou radicados no estado, percebe-se uma forte vinculação a temas e vocabulário regionais (WANKLER e SOUZA, 2007, p.3).

Em face disso, os textos poéticos do movimento têm sido objetos de estudo para discussões sobre a paisagem local enquanto “matriz cultural”, tendo em vista que nesses poemas não se encontram apenas elementos de contemplação da paisagem física do Estado, pois existiu também a tentativa de construir representações das identidades locais a partir da mediação com os elementos da paisagem natural. Para ilustrar essa mediação, observemos a letra de uma das principais canções do movimento Roraimeira, a canção homônima, do poeta Zeca Preto:

Te achei na grande América do Sul
 Quero atos que me falem só de ti
 Em tua forma bela e selvagem
 Entre os dedos o teu barro, o teu chão
 E em tuas férteis terras enraizar
 A semente do poeta Eliakin
 nos seus versos inerentes ao amor
 Aves ruflam num arribe musical
 Os teus seios grandes serras
 Grandes lagos são teus olhos
 Tua boca dourada, Tepequém, Suapi
 Terra do Caracaranã, do caju, seriguela
 Do buriti, do caxiri, Bem-Querer
 Dos arraiais do meu Hi-fi
 Da morena bonita do aroma de patchuli
 O teu importante rio chamado Branco
 Sem preconceito em um negro ele aflui
 És Alice nesse país tropical
 De um cruzeiro norteando as estrelas
 Norte forte, macuxi, roraimeira
 Da coragem, raça, força garimpeira
 Cunhantã roceira tão faceira
 Diamante, ouro, amo-te poeira (PRETO, 1984).

A representação da “matriz cultural” de Roraima é construída por Zeca Preto em *Roraimeira* tendo como marca principal o pluralismo. O poeta exalta a diversidade da paisagem do Estado, destacando tanto seus elementos naturais, quanto as suas identidades. Ao analisarmos a canção, notamos a descrição de três grupos culturais. Nesse sentido, o poeta encontrou espaço para representar o pluralismo cultural do Estado utilizando-se dos procedimentos de diferenciação entre esses grupos. Sobre essa questão, Cuche (2002) faz a seguinte afirmação:

“a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (2002, p. 182).

No décimo quinto verso da canção encontramos uma sugestão de identidade cultural: “Da morena bonita do aroma de patchuli”. Patchuli é uma planta típica da região norte, porém, é no Estado do Pará que essa planta se destaca enquanto mercadoria cultural, sendo utilizada principalmente na fabricação do famoso Perfume de Patchuli e na produção de artesanato. Partindo dessa informação, podemos considerar que o poeta sugere a representação de uma migrante paraense, uma morena bonita que traz em seu corpo a essência de um importante elemento da cultura do Pará. Essa interpretação ganha fôlego ao nos remetermos ao estado de origem do poeta, pois Zeca Preto é paraense, assim, é possível pensar que ele introduz na canção uma representação identitária de sua terra natal, marcando a presença do grupo dos migrantes paraenses na paisagem cultural de Roraima.

No vigésimo verso da canção, outra identidade cultural é sugerida: “Norte forte, macuxi, roraimeira”. O termo “macuxi” é frequentemente utilizado em Roraima como sinônimo de roraimense, ou seja, para designar todos àqueles que nascem no Estado, independentemente do Estado de origem do restante da família. Porém, existe outro significado para o termo, pois **Makuxi** é o nome de uma das principais etnias indígenas do Estado. Sobre os Makuxi, Costa e Souza (2005, p. 46) afirma que:

A estimativa da população Makuxi (ano base 2000) distribuída no Estado de Roraima é de 16.500 pessoas (...). A região de concentração dos Makuxi alcançou as áreas ao norte do rio Branco⁸ até a região do Rupununi, na Guiana, na metade do século XVI (COSTA E SOUZA, 2005, p. 46)⁹.

Desse modo, com as palavras “Norte forte, macuxi, roraimeira”, Zeca Preto faz alusão aos nativos da paisagem roraimense.

No vigésimo segundo verso - “Cunhantã roceira tão faceira” -, o poeta utilizou uma palavra indígena muito freqüente no vocabulário roraimense (e

⁸ Principal rio que corta o Estado de Roraima.

⁹ Ressaltamos que não utilizamos dados da estimativa da população Makuxi atuais devido ao período de composição da canção *Roraimeira*, ou seja, no ano de 1984.

também em outras localidades da região norte do País), a palavra “cunhantã”, que significa moça, na língua Tupi-Guarani. E, ao utilizar o adjetivo “roceira” para designar a moça, podemos pensar que o poeta faz referência, mais uma vez, aos nativos do Estado, pois, de acordo com Costa e Souza (2005):

A atividade econômica básica e fundamental entre os Makuxi, assim como o é de maneira geral entre as sociedades indígenas situadas nas savanas, é aquela que resulta da prática tradicional do cultivo de roças familiares (COSTA E SOUZA, 2005, p. 47).

Entretanto, cumpre ressaltar que durante a década de 1980, período de composição da canção, a prática da roça familiar não era exclusiva das etnias indígenas, pois era praticada também por sociedades não indígenas que habitavam o Estado.

O terceiro grupo cultural presente na canção *Roraimera* encontra-se no vigésimo primeiro verso: “Da coragem, raça, força garimpeira”. O poeta introduz em sua letra a representação do garimpo, que de acordo com Veras (2009), provocou uma mobilidade intensa de grupos não indígenas para algumas regiões de Roraima, como as regiões do rio Cotingo, Mau, Suapi e Tepequém, no início do século XX. Sobre essa mobilidade, Oliveira; Wankler; Souza (2009, p. 31) afirmam que “Na década de 1980, (...) a cidade de Boa Vista passa a sofrer um ‘boom’ populacional ocasionado pelo significativo fluxo de pessoas motivadas pelo garimpo de ouro e o sonho do enriquecimento rápido.” Esses autores ainda destacam que entre o período de 1987 a 1990, a população da cidade de Boa Vista quase dobrou, devido ao fluxo migratório em busca da garimpagem.

Então, a partir dessa situação de migração, compreendemos que o garimpo trouxe para Roraima uma gama de tradições culturais diversas, colocando em contato várias identidades migratórias entre si e com as que já habitavam o Estado. Partindo desse pressuposto, ao invés de classificar os garimpeiros enquanto um grupo cultural, seria mais interessante classificá-los enquanto um grupo de culturas que transformaram a paisagem cultural do Estado de Roraima.

Zeca Preto constrói em sua canção uma representação que exalta a presença do garimpo em Roraima, utilizando-se das palavras “coragem”, “raça” e

“força” para marcar esse grupo que contribuiu para o pluralismo cultural do Estado.

O discurso poético-musical do movimento, do qual a canção *Roraimera* é bastante representativa, parece causar um contraste entre os elementos tidos como locais e específicos da região frente a outros elementos pertencentes à bagagem dos migrantes que povoaram o Estado a partir de 1980, com a explosão do garimpo. Talvez seja desse contraste que emana a pretensão de que o *Roraimera* possa representar de modo mais significativo a identidade cultural de Roraima.

No décimo sexto verso da letra - “O teu importante rio chamado Branco/ Sem preconceito em um negro ele afluí” -, além de fazer alusão ao fato do rio que corta Roraima ser afluente do rio Negro (AM), traça também uma relação metafórica que pode ser interpretada como a relação pacífica entre os diferentes povos que habitam o Estado e, principalmente, o “permanente estado de fluxo” entre culturas diversas (COX & ASSIS-PETERSON, 2007, p. 35).

Outra canção que retrata o esforço do movimento em representar a diversidade identitária do Estado é a canção *Plural* (2006), de Eliakin Rufino:

Tentei por muito tempo ser uma pessoa singular,
Ter um só caminho, ter um limite,
Um só amor, um só lugar
O que eu não queria era ser comum
O que eu não queria era ser normal
Agora não
Agora eu sou feliz sendo plural
Fiquei até mais leve, mais natural,
Muito mais pra cima, mais alto astral.
(RUFINO, 2006).

Na referida canção, o pluralismo provoca o *natural* e pressupõe uma capacidade de adequação ao novo, enquanto ser *singular* representa não ter outros caminhos, ser limitado. Notamos que a representação da “pessoa singular” na canção se aproxima da concepção do sujeito do Iluminismo, descrito por Hall (2011). De acordo com o teórico, esse sujeito estava baseado numa concepção de indivíduo totalmente centrado, unificado, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se

desenvolvia ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo. Dessa maneira, ao passo que o eu-poético da canção **Plural** tenta buscar essa unidade, percebe que a pluralidade lhe é mais agradável, “mais alto astral”.

Além da diversidade paisagística e identitária, bem como da mediação entre esses dois elementos, outro aspecto referente às relações entre paisagem local e identidade é observado nos textos do Roraimeira. Tal aspecto diz respeito à relação afetiva entre a poesia do movimento e o *locus* roraimense. Souza (2013, p. 12), professora-pesquisadora local, ao abordar essa questão, afirma que “a partir do Movimento Cultural Roraimeira, a relação sujeito/lugar ganha destaque”.

A teoria que se preocupa com as relações afetivas entre as pessoas e os lugares é a Topofilia, que tem Tuan (1980) como um de seus principais pesquisadores. Em **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**, o teórico apresenta as questões que norteiam as pesquisas dessa área e explica o significado do termo “topofilia”. De acordo com o teórico, essa palavra é um neologismo e pode ser entendido enquanto: “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Tuan (1980, p. 107) ressalta que esses laços podem diferir “profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”. Em vista disso, o autor apresenta diferentes respostas que podem ser dadas ao meio ambiente devido aos sentimentos topofílicos:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra (TUAN, 1980, p. 107).

Além dessas respostas, Tuan (1980) salienta que existem sentimentos mais difíceis de serem expressos. De acordo com o autor, “são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (1980, p. 107).

Para exemplificar a relação topofílica entre a paisagem local e poesia do movimento Roraimeira, apresentamos uma breve análise da letra da canção *Makunaimando* (1990), de Zeca Preto e Neuber Uchôa:

Cai o sol na terra de Macunaima
 Boa Vista do céu! Lua cheia de mel!
 Sobe a serra de Pacaraima
 Eu sou de Roraima!
 Surubin, tucurané, piramutaba...
 Sou pedra pintada!
 Buriti, bacaba!
 Caracaranã, farinha d'água, tucumã!
 Curumim te espera, Cunhantã!
 Um boto cantando no rio...
 Beijo de caboco no cio...
 Parixara na roda de abril, se abriu.
 Minha vida no meu jandiá
 Carne seca, xibé, aluá,
 Gikitaia, caxiri, taperebá! (PRETO; UCHÔA, 1990)

A canção faz parte do CD: **O canto de Roraima e suas influências indígenas e caribenhas**, que, de acordo com Oliveira; Wankler; Souza (2009), foi o trabalho que concluiu a primeira fase do movimento.

Os versos da canção exaltam Roraima e sua capital, Boa Vista. Os poetas fazem referência à cidade enquanto um lugar celeste, conforme se observa no segundo verso: “Boa Vista do céu! lua cheia de mel!”. Assim, os poetas desenham na canção as sensações que Roraima transmite aos seus habitantes. Sobre essa questão, Tuan (1980, p. 20) afirma que o lugar pode se tornar “um microcosmo capaz de exercer uma influência benéfica sobre os seres humanos que entram no lugar ou que aí vivem”.

Tuan (1980) discute sobre as representações das paisagens em algumas obras literárias que evidenciam as diferenças entre cidade e campo. Notamos que na canção *Makunaimando* não existem tais diferenças, pois os elementos do campo (serra de Pacaraima, pedra pintada, Caracaranã) e da cidade (Boa Vista do céu!) se misturam num mesmo clima de exaltação e parecem transmitir as mesmas sensações. Diante disso, podemos relacionar essa não separação entre campo e cidade, na canção, devido ao fato de Boa Vista ser uma cidade pequena e repleta de muitas belezas naturais, que ainda não foram totalmente substituídas pelo concreto, como nas grandes cidades.

No quarto verso: “Eu sou de Roraima!”, os poetas parecem demonstrar orgulho de pertencerem ao Estado. Sobre essa questão, Tuan (1980, p. 286)

afirma que a toponímia pode assumir algumas formas e uma delas é “o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação”. Em seguida, na canção, os poetas descrevem alguns dos principais elementos da cultura local, desde elementos da culinária (surubin, tucurané, piramutaba, buriti, bacaba, tucumã, taperebá) até os costumes dos nativos, como a dança Parixara, que é um ritual praticado pelas principais etnias existentes no Estado de Roraima, de acordo com Costa e Souza (2005).

No sexto verso: “Sou pedra pintada!”, os artistas se interpenetram com a paisagem, demonstrando o sentimento de pertencimento ao lugar. Podemos, ainda, entender essa situação enquanto “sentimento afetivo por lugares que se conhece bem” (TUAN, 1980, p. 108).

Enfim, todos esses aspectos encontrados nas canções do Roraimeira, desde o pluralismo na paisagem e na identidade até os sentimentos topofílicos, apontaram para a necessidade de se conhecer as relações entre essas representações reforçadas pelo movimento e os seus possíveis receptores. Nesse sentido, procuramos investigar se as imagens reforçadas nos versos do Roraimeira têm uma recepção fora do ambiente acadêmico, ou seja, se existe uma permanência da obra do movimento entre o público escolar de hoje.

Vale ressaltar que além de diversos CDs musicais, o Roraimeira tem diversos livros publicados, sendo que Eliakin Rufino é o representante com maior quantidade de publicações. Algumas de suas publicações são: **Cavalo Selvagem** (2011); **Brincadeira** (1991); **Escola de poesia** (1990); **Pássaros ariscos** (1984); **Poemas** (S/D); **Poesia para ler na cama** (1997); **Poeta de água doce** (1993) e **Versão poética do Estatuto da Criança e do Adolescente** (1995). O representante Zeca Preto tem um livro publicado: **Beiral: poesia** (1987). Neuber Uchôa é o único dos três fundadores do movimento que não possui livro publicado. O artista tem diversos CDs¹⁰ lançados, alguns deles são: **Makunaimeria** (em parceria com Zeca Preto), (1994); **Amazon music** (em parceria com Zeca Preto), (1997); **Muito Prazer** (2002); **Eu preciso aprender a**

¹⁰ Discografia conforme SOUZA, Glaciele Harr de. **Lugar e Identidade em Ben Charles e Neuber Uchôa**. Dissertação (Mestrado em Literatura, Artes e Cultura Regional) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013. 128 f.

ser pop (2006); **Damurida** (2008); **Mãedioca** (em parceria com Zeca Preto), (2009); **A nata** (em parceria com Zeca Preto), (2010) e **Casinha de abelha** (2012).

3 ALGUMA TEORIA

O público do Roraimeira conhece, desde a criação do grupo, a musicalidade como uma de suas principais características. Porém, boa parte da produção do movimento envolve uma relação entre música e poesia. Conforme Oliveira; Wankler; Souza (2009), “a maioria das canções do grupo é formada por poemas musicados, sendo difícil distinguir aquelas que não o são” (2009, p. 28). Souza (2013), em seu estudo sobre as canções de um dos representantes do Roraimeira (Neuber Uchôa) também trata a respeito dessa ligação entre música e poesia na produção do movimento, afirmando que “poesia e música, aqui, se conectam, se interpenetram e se amalgamam o tempo todo, como um amplo universo de poetas-músicos/músicos-poetas” (2013, p. 40).

Eliakin Rufino, em entrevista cedida à Leocádia Soares de Oliveira, ex-acadêmica do curso de Letras (período que foi aluna-pesquisadora do PIBIC/UFRR, orientada pelo professor Dr^o. Roberto Mibielli), explica a forte relação entre música e poesia:

Porque ele tem, o poema tem um ritmo, a letra tem um ritmo, ela tem uma musicalidade própria. Uma das condições *pra* ser poema ou *pra* ser letra é ter ritmo. Isso é comum a ambos, poema e letra têm que ter ritmo. Tem que ter um... Ter o ritmo mesmo da palavra... Da própria sonoridade da palavra (RUFINO, 2010).

Mais adiante, Eliakin, o mentor do movimento, conforme ele mesmo afirma: “eu é que crio, crio, sou o mentor, sou o mentor do movimento, eu penso o movimento” (RUFINO, 2010), falou sobre a presença dessa relação em parte de sua produção:

Eu ia escrevendo e eu mesmo ia musicando, depois amigos passaram a musicar, parceiros passaram a musicar o que eu escrevi. Chegou um momento, por exemplo, que eu publiquei um livro, que todo o livro foi musicado, todo o livro (RUFINO, 2010).

Isso posto, precisamos traçar uma abordagem sobre a relação entre o ato de escrever e o ato de compor, entre o ato de falar e o ato de cantar. Sobre essa relação, Santoro (2011) nos explica que:

O falar [escrever] e o cantar são próprios da expressão humana desde tempos imemoriais e a passagem de uma forma de expressão para outra constitui um *continuum* inexprimível, a depender do estado de ânimo e da intensidade poética da fala e escuta (2011, p. 62).

A partir da afirmação de Santoro (2011), percebemos as infinitas possibilidades de passagens e de transformações no que se refere à ligação entre poesia e música, entre o falar e o cantar. Mais adiante, Santoro (2011), salienta que a relação entre versos, palavras e melodias é e sempre foi uma atividade que pressupõe naturalidade. Harnoncourt (1988) também trata a respeito dessa ligação, de acordo com o teórico, a partir do momento em que a linguagem transcende a sua função cotidiana, ou seja, a sua função de informação prática e adquire profundidade, ela está associada à música, pois com o apoio da música, a mensagem, que ultrapassa a simples função de informar, poderá ser expressa com maior clareza (1988, p. 23). Corroborando com essa visão a respeito da relação entre música e poesia, podemos citar Rennó (2003), pois, de acordo com o teórico, a letra de música pode ser tomada como uma modalidade de poesia, a poesia cantada (2003, p. 53).

A partir das abordagens apresentadas por Santoro (2011), Harnoncourt (1988) e Rennó (2003) sobre a interpenetração entre poesia e música, podemos retomar nossa discussão considerando as canções do Roraimeira enquanto textos poéticos, ou, nas palavras de Rennó, “poesias cantadas”.

3.1 O Roraimeira e os depoimentos de efetivação

Há uma quantidade significativa de depoimentos – alguns no formato de textos acadêmicos – que alegam ser o Roraimeira o principal programa estético

de difusão da cultura do Estado. Observamos a seguir o tratamento dado à produção do Roraima por Oliveira; Wankler; Souza (2009):

O trio¹¹ permaneceu produzindo e realizando apresentações por dezesseis anos (1984-2000) com o intuito de contribuir na divulgação do turismo no estado [...] e, sobretudo, estimular reflexão sobre a identidade roraimense, **cujas manifestações do movimento passaram a ser a principal referência para auto-estima da população** (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009, p. 30, grifo nosso).

Os autores salientam que as manifestações do movimento se tornaram “a principal referência para auto-estima da população”. Notamos, nessa afirmação, que a produção do movimento é considerada pelos teóricos como uma verdadeira bandeira a ser levantada para exaltar o fato de pertencer ao Estado.

Em outro estudo acerca da produção literária do Estado, o artigo **Estudos de Literatura de Roraima: uma abordagem multidisciplinar e pluricultural**, Wankler e Souza (2007), professoras-pesquisadoras locais, afirmam que Eliakin Rufino é “uma das personalidades mais engajadas nos movimentos culturais roraimenses e grande conhecedor do tema” (op. cit., p. 06). Outro estudo recente que destaca a relação entre o movimento e a identidade local é a dissertação de Mestrado de Glaciele Harr de Souza, defendida no ano de 2013, pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Segundo a professora-pesquisadora,

O Movimento Cultural Roraimense é de suma importância no cenário sociocultural Roraimense, tendo em vista o fato de estabelecer novas bases para a produção artística local e por trazer à tona uma preocupação relacionada à marcação de uma identidade própria. (SOUZA, 2013, p. 44).

Diante do exposto, são muitas as discussões teóricas produzidas no âmbito da Universidade Federal de Roraima e em outras instituições locais de ensino e pesquisa que tentam efetivar o movimento Roraimense enquanto o mais importante produtor de significados para a construção da identidade local. Em resumo, as músicas, as poesias e outros textos do movimento são considerados

¹¹ Os três principais representantes do movimento, Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto.

por grupos de professores-pesquisadores locais como ricas representações dos sujeitos que habitam o Estado. E, a ideia de representação que comumente sustenta essas discussões se aproxima das definições de Silva (2000) e Woodward (2000). O primeiro, ao fazer uma breve análise do contexto histórico da definição de representação, conclui que “a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido (...) representar significa dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’” (p. 91). E a segunda afirma que “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (2000, p. 17). Desse modo, tais discursos acerca da produção do movimento tentam consolidar o Roraima enquanto um sistema simbólico que produz significados principalmente no que diz respeito à identidade local, pois tem a capacidade de representar e posicionar seus sujeitos.

Podemos afirmar que o próprio estatuto do movimento é um dos aspectos que contribuíram para alguns desses discursos, na tentativa da efetivação do Roraima enquanto maior meio de expressão da cultura local. Seus principais representantes, Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto, chegaram a afirmar em diversas reportagens e entrevistas que o Roraima teve como elemento fundamental de seu estatuto a construção de uma identidade local, conforme notamos no trecho a seguir, que foi retirado de uma entrevista¹² cedida por Eliakin Rufino à Revista RAIZ, no ano de 2006:

Outros artistas, de outras linguagens artísticas, que também utilizavam a temática local nas suas obras, se juntaram a nós: nasceu aí o Movimento Cultural Roraima (...) com o objetivo de construir uma estética local e começar a esboçar e revelar uma identidade cultural para o povo de Roraima (RUFINO, 2006).

Em sua fala, Eliakin Rufino revela que o movimento, além de promover a construção de uma identidade local, também foi precursor na confecção de uma estética roraimense. Podemos verificar ainda o desejo de exaltação de uma identidade local no manifesto do Roraima, publicado em 2006, pela Revista Raiz:

¹² A entrevista na íntegra encontra-se no anexo 02 desta dissertação.

SOU MAIS RORAIMA Manifesto

01. Sou mais Roraima
02. Roraima é de quem ama Roraima, independe se nasceu aqui ou não
03. Em Roraima não há primavera, somente inverno e verão
04. Roraima é a síntese do Brasil, somos o Estado mais brasileiro
05. Roraima é a terra do fogo, mas é muito mais a terra da dança da chuva
06. Do Caburaí ao Chuí
07. A maior riqueza de Roraima não está no sub-solo, está no solo: é a beleza natural de nossa paisagem
08. Roraima é índia, até no nome
09. Paçocou, tem que bananar
10. Sou um macuxi tangendo um violão
11. A planura do campo faz enxergar longe, por isso temos Boa Vista
12. Buriti com farinha na veia
13. Ou a gente é mais Roraima ou Roraima não é mais (REVISTA RAIZ, 2006)¹³.

Diante disso, podemos pensar que as afirmações dos fundadores do movimento, assim como o próprio manifesto serviram de base (para muitos estudos locais) para a tentativa de consolidação do Roraimeira enquanto representante maior dos povos e costumes de Roraima.

No entanto, esses discursos que fomentam tal consolidação esquecem-se de voltar o olhar para o público das representações reforçadas na produção do movimento. Daí que surgiu a necessidade de mapear a recepção do movimento entre a sua possível segunda geração de leitores/ouvintes. Na subsecção a seguir, discutiremos a importância da recepção do texto literário.

¹³ Disponível em www.revistaraiz.uol.com.br

3.2 Estética da Recepção: as relações entre o texto e o leitor

Para fomentar a análise das relações entre a produção do Roraimeira e o público jovem de Boa Vista, tomamos como base alguns aspectos, categorias e elementos da Estética da Recepção.

A Estética da Recepção é um campo da literatura que se dedica às atividades do leitor. Segundo Stierle (2011), a Estética da Recepção, desde seu surgimento, priorizou os processos receptivos da literatura em detrimento dos aspectos de produção e representação:

A recepção tornou-se o problema fundamental da reflexão da literatura desde que Hans Robert Jauss, em sua lição inaugural na Universidade de Konstanz, 1967, exigiu a renovação da história da literatura, dando a prioridade analítica ao aspecto da recepção sobre os da produção e da representação. (...) O significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos (STIERLE, 2011, p.119).

A recepção, enquanto atividade estética, proporciona à análise literária a possibilidade de aproximação e conhecimento da multiplicidade de aspectos do texto literário e, desse modo, da multiplicidade de seus significados. Sobre essa questão, Lima (2011, p. 43) afirma que “a experiência estética, de fato, contém um espectro assim variado de possibilidades”.

Stierle (2011) discute sobre as atividades que se desencadeiam no leitor em relação à recepção do texto literário:

A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no leitor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade das reações por ela provocadas – que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de apresentá-lo, de escrever uma crítica ou ainda o de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo... [...] há uma conexão complexa das camadas instauradoras da recepção que se oferecem para a apreensão teórica (STIERLE, 2011, p. 121).

Diante das questões apresentadas por Stierle (2011), notamos a complexidade que envolve as reações das quais são capazes os leitores a partir das leituras e desse modo, as infinitas possibilidades de estudos teóricos concernentes a esses efeitos.

Outra importante contribuição no âmbito dos estudos da recepção é dada por Regina Zilberman (1989), uma das responsáveis por introduzir as discussões da Estética da Recepção no Brasil a partir da década de 1980. A teórica destaca dois elementos fundamentais no processo da leitura do texto literário. O primeiro deles é o *juízo* emitido pelo leitor a partir da leitura:

Pela leitura ele (o leitor) é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. (ZILBERMAN, 1989, p. 110).

Zilberman (1989) explica que a relação empírica entre leitor e texto é uma das condições que sustentam a literatura enquanto fato social. Diante disso, os juízos que demandam da leitura não podem ser ignorados, pois são condição para o desenvolvimento e para o conhecimento de várias outras reações que permeiam o universo da leitura literária.

O segundo elemento destacado por Zilberman (1989) é o processo de identificação entre leitor e obra:

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário (ZILBERMAN, 1989, p. 110).

A autora destaca o papel fundamental da identificação entre leitor e texto, sendo esse o responsável pela valorização da experiência estética e conseqüentemente pelo julgamento da obra literária.

De acordo com Jauss (2011), a concretização de um processo de identificação leva o receptor a assumir novas normas de comportamento social, pois liberta o leitor de seus interesses práticos e compromissos cotidianos, e passa a oferecer uma visão mais ampla dos acontecimentos e, assim, o leitor tem

a possibilidade de julgá-los. O teórico salienta ainda que a identificação não coincide com a adoção passiva de padrões idealizados de comportamento, mas provoca várias atitudes, e uma delas é a reflexão.

Zilberman (1989) apóia-se em Jauss (1989) para afirmar que a identificação entre leitor e texto é basicamente mobilizadora, pois o leitor não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação. E, tal ação não se mostra independente das normas sociais vigentes na época da leitura.

Diante do exposto, consideramos necessária a tentativa de conhecer as dimensões da possível recepção da produção do movimento Roraimeira entre jovens do ensino médio da cidade de Boa Vista, bem como os juízos emitidos por uma parcela desses estudantes a partir do possível contato com a produção do movimento. Assim, realizar a pesquisa que deu origem a esta dissertação significou a obtenção de conhecimento sobre o nosso (incipiente ou inexistente) sistema literário.

Coube-nos analisar se houve a reinserção dos textos do movimento no presente contexto social, ou seja, nessas duas primeiras décadas do século XXI, tendo em vista que “um livro [literário] é uma estrutura que se reitera e se reinscreve em sucessivos contextos de recepção” (JOBIM, 1996, p. 76). E o contexto de recepção, de acordo com Jobim (1996), está profundamente interligado com o código cultural do qual o leitor faz parte:

O receptor individual está submetido às regras do código cultural no qual ele está inserido. Sua recepção pertence a um horizonte que a delimita. Mesmo quando a leitura parece estar sendo fruto de um modo de ver particular, há nela sempre um aspecto público (JOBIM, 1996, p. 50).

Desse modo, este estudo acerca da recepção da produção do Roraimeira entre estudantes de ensino médio de Boa Vista não se deu de modo isolado das práticas culturais que fazem parte da vida desses alunos, e que, possivelmente, regem o processo da leitura, pois, segundo Jobim (1996), no ato de ler entram em jogo, além de outras questões, as normas vigentes na época da leitura, que influenciarão a própria recepção da obra. Assim, várias questões culturais permeiam o universo da leitura e podem controlar desde a escolha de um determinado livro até o fim ou não de sua leitura.

3.3 O Sistema Literário e Seus Denominadores

Discutiremos, nesta seção, três elementos: o autor, a obra literária e o público. Partiremos dos apontamentos de Antonio Candido, em **Formação da Literatura Brasileira** (1981) e passaremos pelas discussões de Foucault a respeito do autor e de Nazar (2009) a respeito da singularidade da escrita.

Antes de abordarmos os elementos supracitados, é necessário apresentar o conceito de literatura adotado nesta discussão, que é postulado por Antonio Candido (1981). O autor define literatura enquanto:

Um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (CANDIDO, 1981, p. 23).

Segundo o teórico, entre os denominadores comuns se distinguem um conjunto existente de produtores literários conscientes de sua função; um conjunto de receptores, formando os vários tipos de público, dos quais depende a existência da obra; e um mecanismo transmissor, ou seja, uma linguagem traduzida em estilos (op. cit., p. 23). Segundo o autor, a organização desses três elementos dá lugar:

[...] a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 1981, p. 24).

Entretanto, o autor explica que em fases iniciais de um sistema literário, é comum não haver a organização de tais elementos, devido à imaturidade do meio, que dificulta a formação de grupos de produtores literários, além da elaboração de uma linguagem própria e de um gosto pela produção literária. Porém, Antonio Candido ressalta que a inexistência de organização entre esses

elementos não é uma barreira para o surgimento de obras de valor, que podem nascer de inspirações individuais ou de influências de outras literaturas. Nesse caso, de acordo com Antonio Candido (op. cit.), não estamos diante de um sistema literário, mas de um esboço, que o autor denomina de *manifestações literárias*.

Devido à imaturidade da produção de Roraima, especificamente do movimento Roraimeira, podemos pensar que estamos diante de uma manifestação literária. Entretanto, em face das colocações de Antonio Candido a respeito dos elementos necessários para a formação de um sistema, pareceu interessante a tentativa de estudar “o conjunto de receptores” da produção local para saber se os primeiros passos para a formação de um sistema no Estado de Roraima estão sendo dados.

Apresentadas as questões iniciais sobre a formação de um sistema literário, podemos, neste momento, tentar aprofundar a discussão sobre o autor, a obra e o leitor.

3.3.1 O fazer literário: um olhar sobre o autor

De acordo com Antonio Candido (2010), o autor é:

(...) alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público. (CANDIDO, 2010, p. 84).

Essa noção apresentada por Antonio Candido (op. cit.) enfatiza o fato de o autor fazer parte de um ciclo, ou seja, de um sistema, pois a ação do autor (a sua produção literária) provoca reações no público, e essa relação entre ambos não se dá isolada do meio social, que atua como mediador desse “diálogo vivo”.

Além de discutir o aspecto social do autor, Antonio Candido também aborda a questão da originalidade da escrita. Segundo o teórico, a originalidade do indivíduo criador é capaz de delimitá-lo e especificá-lo entre todos (op. cit., p. 83). Nazar (2009) também aborda a originalidade no fazer literário e trata do estilo

enquanto fator individual. De acordo com a autora (op. cit.), o estilo “refere-se à escrita autoral, sublinha a singularidade de um sujeito possibilitando uma nomeação pública, distinta da que se deu no privado da família” (op. cit., p. 53). Dessa forma, o estilo de um autor pode lhe conferir uma nomeação, que significa o seu reconhecimento a partir de sua singularidade.

Nazar (op. cit.) salienta ainda que o estilo, devido às peculiaridades, pode identificar o autor de um texto lido, mesmo sem a sua assinatura formal. A autora afirma que “uma Clarice, um Joyce, um Guimarães Rosa, um Machado de Assis, um Freud, um Lacan são reconhecidos por seu estilo de escrita” (op. cit., p. 53).

Foucault (2009) também trata das peculiaridades da escrita. Segundo o teórico, “a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência” (FOUCAULT, 2009, p. 36).

No entanto, cumpre ressaltar que o estilo individual não pode ser confundido com o estilo enquanto fator externo, que também é abordado por Antonio Candido (1981). Partindo da perspectiva adotada pelo teórico, podemos afirmar que o estilo externo é originado no nível do momento ou fase literária e se manifesta pela afinidade entre as obras, devido à relativa articulação entre elas. Dessa maneira, Antonio Candido (op. cit.) explica que a situação temporal, composta por condições sociais, econômicas e políticas, estabelece a fisionomia (o estilo) das obras, pois os escritores absorvem e sublimam os fatores do meio.

A partir da breve discussão a respeito do autor, pudemos observar a complexidade que permeia o ato da criação literária, que vai desde a mediação com os aspectos sociais até a confecção de um estilo próprio, capaz de identificar a autoria da escrita. A seguir, discutiremos sobre o produto dessa criação, a obra.

3.3.2 A obra literária

O conceito de obra literária é bastante complexo. Segundo Foucault (2009), “a palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor” (op. cit., p. 39). Em face disso, são várias as definições para o termo *obra* que podemos encontrar em estudos

teórico-literários. Antonio Candido (1981) nos apresenta uma definição. Conforme o teórico, a obra literária é “uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador” (op. cit., p. 34). No entanto, o crítico explica que a importância da obra literária raramente é atribuída à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, e sim à maneira por que o faz. Desenvolvendo essa questão, Antonio Candido (op. cit.) salienta que a obra literária vale não por copiar a vida (os elementos reais), mas por inventar uma nova vida a partir de uma organização formal, imprimindo imaginação ao seu objeto.

Em face das colocações de Antonio Candido (op. cit.), podemos afirmar que não há a necessidade do escritor se apegar à realidade que vive e que o cerca para escrever um poema ou um romance, pois os critérios que estabelecem o valor da obra literária não se prendem à ideia de representação (no sentido de expressão do real). Sobre essa questão, Antonio Candido (op. cit.) ressalta que:

(...) não importam a veracidade e a sinceridade, no sentido comum, ao contrário do que pensa o leitor desprevenido, que se desilude muitas vezes ao descobrir que um escritor avarento celebrou a caridade, que certo poema exaltadamente erótico provém dum homem casto, que determinado poeta, delicado e suave, espancava a mãe (CANDIDO, 1981, p. 36).

Após conceituar a obra literária, Antonio Candido (1981) descreve os elementos necessários para a sua constituição. Segundo o autor, enquanto realidade autônoma, a obra literária depende dos seguintes fatores: eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição das palavras, seleção e invenção das imagens e jogo de elementos expressivos. A síntese de todos esses elementos constitui a fisionomia da obra, que, conforme Antonio Candido (1981), deixa longe os pontos de partida não-literários. Para exemplificar a relação entre esses fatores e os fatores externos (não-literários), o autor descreve a seguinte situação:

Tomemos o exemplo de três pais que, lacerados pela morte dum filho pequeno, recorrem ao verso para exprimir a sua dor: Borges de Barros,

Vicente de Carvalho, Fagundes Varela. Pelo que sabemos, o sofrimento do primeiro foi o mais duradouro; admitamos que fossem iguais os três. Se lermos todavia os poemas resultantes, ficaremos insensíveis e mesmo aborrecidos com “Os Túmulos”, medianamente comovidos com “O Pequenino morto”, enquanto o “Cântico do Calvário” nos faz estremecer a cada leitura, arrastados pela sua força mágica. É que, sendo obras literárias, não documentos biográficos, a emoção, neles, é elemento essencial apenas como ponto de partida; o ponto de chegada é a reação do leitor, e esta, tratando-se de leitor culto, só é movida pela eficácia da expressão. Os três pais são igualmente dignos de piedade, do ponto de vista afetivo; literariamente, o poema do primeiro é nulo; o do segundo, mediano no seu patético algo declamatório; o do terceiro, admirável pela solução formal (CANDIDO, 1981, p. 35).

Os três poemas tratam de dores semelhantes, ocasionadas pela perda de um filho. Antonio Candido (op. cit.) explica que, a partir do conteúdo abordado nos versos, os três poemas são capazes de emocionar seus leitores. Entretanto, de um ponto de vista literário, a emoção, enquanto elemento externo, é importante apenas como ponto de partida, pois, segundo o autor, o ponto de chegada é a reação do leitor culto, que só se manifesta pela “eficácia da expressão”, ou seja, pela junção dos elementos literários, que dão origem à fisionomia da obra.

Ao descrever a situação acima, Antonio Candido (op. cit.) afirma que estaremos errados se quisermos ver na obra o reflexo dos fatores externos, achando que ela vale na medida em que os representa. O que importa, conforme nos diz o teórico, é analisar até que ponto os fatores externos interferem na elaboração da obra, que é dotada de uma realidade própria, formada pelos fatores literários. Foucault (2009) também confere importância ao tratamento dos elementos internos da obra, pois o teórico explica que “a função da crítica não é detectar as relações da obra com o autor, nem reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência”, a função da crítica, para Foucault (op. cit.), é “analisar a obra na sua estrutura, na sua arquitetura, na sua forma intrínseca e no jogo das suas relações internas” (op. cit., p 37).

3.3.3 O leitor: funções da leitura literária

Em seus estudos sobre o sistema literário, Antonio Candido (2010) ressaltou a importância de se voltar o olhar para as questões ligadas à recepção: “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (op.cit., p. 84). Dessa forma, o teórico incluiu a recepção e a sua continuidade como processos fundamentais na constituição da obra literária:

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (CANDIDO, 2010, p. 147).

Diante do exposto, verificamos a necessidade do processo de recepção para a constituição de um texto literário. Em vista disso, podemos afirmar que o surgimento das reações dos leitores a partir das leituras é uma condição indispensável para a atividade da escrita literária. Sobre tais reações, Antonio Candido (op. cit.) salienta que:

Se a obra é mediadora entre autor e público, este é mediador entre autor e obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros (...). Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. Quando se diz que escrever é imprescindível ao verdadeiro escritor, quer isto dizer que ele é psiquicamente organizado de tal modo que a reação do outro, necessária para a autoconsciência, é por ele motivada através da criação. Escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos. (2010, p. 86).

Assim, Antonio Candido (op. cit.) nos explica que o público é considerado um verdadeiro ponto de referência para o autor, chegando inclusive a ser elemento de autoconsciência. E qual será a importância do autor e do texto para o leitor? Quais são as funções da leitura do texto literário? De acordo com Nazar

(2009), o escritor, através do uso e manejo de sua linguagem, constrói sua escrita para dar corpo ao sujeito que o habita e, o ato dessa criação pode provocar várias reações nos leitores, como a identificação, que, segundo a autora, é uma das principais reações que nascem no ato da leitura. Essa relação de identificação entre texto/leitor nos leva à função social do texto literário.

A função social do texto literário é destacada por Jauss (1972 apud ZILBERMAN, 1989) ao afirmar que a literatura transmite, elabora e legitima normas sociais. Segundo o teórico, essas normas podem se encontrar no texto não como uma informação a ser decodificada, e sim como um padrão de interação, isto é, na situação de regras que envolvem o leitor e dizem o que lhe compete fazer. Jauss explica que “nessa circunstância, a obra literária, mesmo não programaticamente, oferece indicações de ação que correspondem ou não a comportamentos já existentes” (op. cit. p. 52). O teórico ressalta que no primeiro caso, as indicações de ação “reforçam e legitimam modelos em vigor ou possibilitam a aceitação de normas recentemente aparecidas, atuando sobre o indivíduo mais por influenciá-lo indiretamente que por transmitir-lhe uma mensagem” (op. cit. p.52).

Vários outros autores destacam a função social da leitura literária, entre eles está Antonio Candido (1999). Segundo o autor, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (op. cit., p 177). Notamos então a importância que o autor atribui à leitura do texto literário, chegando essa a ser considerada regedora do bom funcionamento do sistema social.

Gonçalves Filho (2002, p.13) salienta que a literatura é conhecimento produzido historicamente, desse modo, a leitura literária tem a missão de civilizar o homem na medida em que vai insinuando melhores formas de vida. Já para Leahy-Dios (2000, p. 16), a literatura ajuda a formar sujeitos críticos a partir do momento em que aborda a realidade e suas possibilidades.

Outra importante função da leitura literária é a função formadora/humanizadora. Em **O direito à literatura**¹⁴, Antonio Candido aborda o aspecto humanizador do texto literário:

¹⁴ CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. **Vários Escritos**. São Paulo: EDUSP, 1999.

(...) há conflito entre a idéia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, 1999: 176).

Dessa maneira, Candido ressalta que o texto literário não deve ser entendido enquanto um texto que pode elevar e/ou edificar àqueles que os lêem, pois a força do texto literário vai além dessas duas atividades. A “poderosa força indiscriminada” do texto literário está mais intimamente relacionada com a iniciação na vida. A leitura literária traz em si uma grande complexidade, pois humaniza o leitor em sentido profundo, “porque faz viver”.

Antonio Candido resume com as palavras a seguir a necessidade da leitura do texto literário:

Ela [a literatura] é manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. A fruição da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 1999: 177).

O autor enfatiza a ideia de que a leitura literária é um direito, do qual nenhuma pessoa pode ser privada. Desse modo, as instituições de ensino devem privilegiar a fruição da literatura em todos os estágios do processo de formação de seus alunos.

Como observado no decorrer dessa discussão, assim como o autor depende do público para a sua autoconsciência (e para muitas outras questões), o leitor também depende do texto literário, que lhe é indispensável enquanto fator social, formador e humanizador (CANDIDO, 1999).

Em face das questões discutidas por Antonio Candido (2010), o processo de recepção que interessou a este estudo partiu da ideia de permanência da herança simbólica (CANDIDO, 2010), porque teve o objetivo de investigar se o público jovem de Boa Vista “vive” a produção literária do movimento Roraimera após mais de duas décadas do início desse movimento.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo discutiremos os resultados obtidos durante a tabulação dos 3.722 questionários, utilizando categorias e elementos da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa, além do paradigma indiciário.

4.1 As zonas urbanas de Boa Vista e as instituições de ensino

Como foi dito anteriormente, a cidade de Boa Vista possui 54 bairros e 22 escolas públicas de ensino médio para atender a população moradora desses bairros. Os quadros expressos neste subitem, que foram elaboradas a partir de dados coletados na Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do Estado de Roraima- SECD, no ano de 2010, apresentam a distribuição das escolas entre as zonas e o centro da cidade.

O centro de Boa Vista, de acordo com Silva; Almeida; Rocha (2009), concentra uma pequena parcela da população da capital. Cerca de 4.858 pessoas vivem nessa área, conforme dados do IBGE (2007), utilizados pelos pesquisadores. No que tange aos aspectos econômicos, o centro de Boa Vista contém uma população cuja maioria das famílias é de médio a alto poder aquisitivo. Apesar da pequena população, o centro possui uma escola de grande porte, a Escola Estadual Ayrton Senna, com capacidade para atender, aproximadamente, 2.000 alunos. Desse modo, a escola tem espaço para receber vários alunos, oriundos de diversos bairros da cidade.

A seguir, o quadro 01, apresenta a distribuição das escolas na zona norte:

Quadro 01: Distribuição das escolas na zona norte

Zona	Bairro	Escola
Norte	31 de Março	X
	Aeroporto	Escola de Aplicação da UFRR
	Aparecida	X
	Bairros dos Estados	E. E ¹⁵ . Hildebrando Ferro Bittencourt
	Paraviana	X
	São Francisco	X

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012

A zona norte, composta por seis bairros, que comportavam 22.922 habitantes (de acordo com o censo do IBGE, 2007), possui apenas duas escolas públicas de ensino médio, além do fato da Escola Estadual Hildebrando Ferro Bittencourt ser de pequeno porte, pois tem apenas 5 turmas, segundo dados fornecidos por sua secretaria escolar no ano de 2011. Há ainda a situação da Escola de Aplicação da UFRR, que adota o sistema de sorteio para matricular os alunos, além de uma espécie de vestibulinho. Vale salientar que todos os bairros da zona norte contêm uma população cuja maioria das famílias é de médio a alto poder aquisitivo.

O quadro adiante mostra a distribuição das escolas na zona sul:

Quadro 02: Distribuição das escolas na zona sul

Zona	Bairro	Escola
Sul	São Vicente	X
	13 de Setembro	E. E. Maria das Dores Brasil
	Calungá	X
	Distrito Industrial	X
	Marechal Rondon	X
	Caetano Filho	X

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012

¹⁵ E. E. : Escola Estadual.

Na zona sul, uma escola pública de ensino médio atende a população dos seis bairros, que continha o total de 12.434 habitantes até o ano de 2007 (IBGE, 2007). Entre os seis bairros da zona sul, o bairro São Vicente pode ser destacado como o que apresenta melhores condições de infraestrutura e uma população de médio a alto poder aquisitivo. Já o bairro Caetano Filho, mais conhecido como “Beiral”, é um dos mais carentes da cidade.

A seguir, o quadro de número 03 indica a distribuição das escolas na zona leste:

Quadro 03: Distribuição das escolas na zona leste

Zona	Bairro	Escola
Leste	Caçari	X
	Canarinho	E. E. Gonçalves Dias
	São Pedro	X

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012

Na zona leste, composta por 03 bairros e que apresentava uma população de 5.693 habitantes (IBGE, 2007), uma escola de grande porte atende a população. Assim como na zona norte, a zona leste também é composta por bairros que contêm uma população de médio a alto poder aquisitivo. De acordo com Silva; Almeida; Rocha (2009), essa zona apresenta uma renda média superior a das demais zonas da capital Boa Vista.

A partir dos quadros 01; 02 e 03, notamos que as zonas norte, sul e leste dispõem de poucas escolas. Há 15 bairros distribuídos entre essas zonas e apenas 04 escolas públicas de ensino médio. Entretanto, 10 desses bairros contêm uma população cuja maioria das famílias é de médio a alto poder aquisitivo. Por esse motivo, cremos que não precisem de muitas escolas públicas. Dessa forma, a única escola pública de ensino médio localizada no centro da cidade atende boa parte da população dessas três zonas urbanas de Boa Vista.

O quadro 04, que segue abaixo, apresenta a distribuição das escolas na zona oeste de Boa Vista.

Quadro 04: Distribuição das escolas na zona oeste

Zona	Bairro	Escola
Oeste	Asa Branca	E. E. Major Alcides Rodrigues dos Santos
	Alvorada	X
	Araceli Souto Maior	X
	Bela Vista	X
	Buritis	X
	Caimbé	E. E. Mário David Andreazza
	Cambará	X
	Caranã	E. E. Jesus Nazareno
	Cauamé	X
	Centenário	X
	Cidade Satélite	X
	Cinturão Verde	E. E. Carlos Casadio
	Equatorial	E. E. Luis Ribeiro de Lima
	Jardim Caranã,	X
	Jardim Primavera,	X
	Jardim Floresta,	X
	Jardim Tropical,	X
	Jóquei Clube	E. E. Antonio Carlos da Silva Natalino
	Liberdade	E. E. Camilo Dias
	Mecejana,	E. E. Ana Libória
	Nova Canaã	X
	Nova Cidade	X
	Olímpico	X
	Operário	X
	Pintolândia	X
	Piscicultura	X
	Pricumã	E. E. Carlos Drummond de Andrade
	Raiar do Sol	E. E. Wanda David Aguiar e E. E. Luiz Hitler Brito de Lucena
	Silvio Botelho	E. E. América Sarmiento Ribeiro
	Silvio Leite	E. E. Senador Hélio da Costa Campos
Senador Hélio da C. Campos	E. E. Elza Breves de Carvalho	

Oeste	Santa Luzia	E. E. Vanda da Silva Pinto
	Santa Tereza	E. E. Maria dos Prazeres Mota
	Tancredo Neves	E. E. Presidente Tancredo Neves
	Bairro União	X

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

A zona oeste está dividida em 35 bairros, é a mais populosa da cidade. De acordo com o censo do IBGE (2007), 200.537 pessoas viviam nesta zona, o que representa mais de 70% da população de Boa Vista. E, para atender a maior parte dos estudantes de Boa Vista, a zona oeste dispõem de um total de 17 escolas públicas de ensino médio. No que tange aos aspectos econômicos, a zona oeste apresenta apenas dois bairros nos quais a maioria da população é de médio a alto poder aquisitivo, são os bairros Mecejana e Pricumã. Segundo Silva; Almeida; Rocha (2009), esses dois bairros “localizados próximos ao centro da cidade, possuem as mais elevadas rendas média de toda a zona urbana”. (2009, p. 02). Sobre os demais bairros da zona oeste, os escritores afirmam que “no geral, a zona oeste tem uma renda média de apenas R\$ 367,00, sendo que no bairro Raiar do Sol essa renda cai para R\$ 357,00” (2009, p. 02). Por essa razão, a maioria dos adolescentes que residem na zona oeste estuda nas escolas localizadas nessa zona, evitando assim gastos com transporte ao terem que se locomover todos os dias para as escolas das outras zonas, como a escola localizada no centro.

4.2 Níveis de recepção do movimento Roraimeira nas escolas públicas de ensino médio de Boa Vista

Como foi informado na introdução desta dissertação, os questionários analisados nesta pesquisa (3.722 questionários) foram aplicados nos anos de 2010 e 2011, período que corresponde há mais de 25 anos do surgimento do

Roraimeira. Dessa forma, o público pesquisado representa a possível segunda geração de receptores desse movimento cultural.

Antes de iniciarmos a análise, é necessário destacar que, a partir de agora, as escolas selecionadas para fazer parte do corpus deste trabalho serão tratadas no texto por letras e números, de forma a não identificá-las, por evidentes questões éticas. Assim, segue abaixo a descrição da nomenclatura de cada uma das seis escolas, de acordo com suas zonas.

Quadro 05: Nomenclatura das seis escolas pesquisadas

Zona	Escola
Centro	A1
Zona Norte	B1
Zona Sul	C1
Zona Leste	D1
Zona Oeste	E1; E2

Fonte: A autora (2014).

Assim como foi ressaltado no capítulo metodológico, selecionamos uma escola de cada zona da cidade e uma escola do centro, com exceção da zona oeste, que, por ser a mais populosa, teve duas escolas selecionadas.

Nos próximos subitens, apresentaremos as análises a partir das zonas urbanas e do centro de Boa Vista.

4.2.1 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: centro

Na escola A1, localizada no centro da cidade, 1787 alunos responderam ao questionário da pesquisa no ano de 2010. O quadro a seguir mostra os índices de citação dos representantes do movimento Roraimeira na referida escola.

Quadro 06: Índice de citações do Roraimeira na escola A1¹⁶

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola A1:	Citaram nomes de representantes do movimento Roraimeira:	Quant.
1787 alunos	Sim	2,23%
	Não	90,20%
	Não respondeu	7,57%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Conforme verificamos nos dados acima, dos 1787 alunos que participaram da pesquisa na escola A1, somente 2,23% responderam conhecer algum representante do movimento Roraimeira, o que corresponde a 40 alunos do total. Deprendemos então que nessa instituição de leitura são pequenos os indícios que possam revelar certa repercussão do movimento. Utilizamos a palavra *repercussão* aqui no sentido de comunicação entre o artista e o público. Segundo Candido (2010), a repercussão é imprescindível para o artista, pois “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (2010, p. 31).

O quadro 07, adiante, indica os índices de citações de cada um dos três representantes do movimento na referida escola:

Quadro 07: Índice de citações dos três representantes na escola A1

Representante	Quant.
Eliakin Rufino	1,00%
Neuber Uchôa	1,00%
Zeca Preto	0,23%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Verificamos que Eliakin Rufino e Neuber Uchôa foram apontados na mesma quantidade, ambos com 1,00% das respostas dos alunos. Já o compositor e poeta Zeca Preto obteve apenas 0,23% das indicações nos questionários.

Além de conhecer os índices de recepção por escola de cada zona da cidade, é importante também conhecer tais índices a partir das séries, tendo em

¹⁶ Ressaltamos que utilizamos a técnica de arredondamento nas porcentagens dos quadros desta dissertação.

vista a diferença de estágios de ensino dos estudantes. O quadro 08, que segue abaixo, apresenta essa divisão:

Quadro 08: Índice de citações do Roraima por séries da escola A1

Respostas:	1º ano do ensino médio da escola A1:	2º ano do ensino médio da escola A1:	3º ano do ensino médio da escola A1:
	722 alunos	709 alunos	356 alunos
Sim	0,97%	3,10%	3,09%
Não	86,15%	93,66%	91,57%
Não respondeu	12,88%	3,24%	5,34%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que dos 722 alunos do primeiro ano do ensino médio da escola A1 que participaram da pesquisa, só 0,97% mencionaram nomes de representantes do movimento. Já no segundo e no terceiro ano, os índices foram maiores. Dessa forma, dos 709 alunos do segundo ano que participaram da pesquisa, 3,10% citaram nomes dos representantes. E, dos 356 alunos do terceiro ano, 3,09% escreveram nomes dos escritores do Roraima. Apesar dos dados do quadro 08 não revelarem que os alunos das séries finais do ensino médio leram algum livro do movimento, o simples fato desses estudantes terem citado em maior quantidade os representantes em comparação aos estudantes da série inicial indica um tipo de conhecimento a mais em relação aos alunos do primeiro ano. Tal conhecimento pode ter sido conquistado pela leitura e/ou qualquer outra fonte de informação.

No que concerne às produções locais apontadas na escola A1, o quadro 09, adiante, apresenta a quantidade de citações:

Quadro 09: Índice de citações das produções locais na escola A1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola A1:	Citaram títulos de produções locais:	Quant.
1787 alunos	Sim	2,40%
	Não	90,04%
	Não respondeu	7,56%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Verificamos que meramente 2,40% dos estudantes mencionaram textos locais. Entre outras questões, podemos perceber a pouca influência de tais textos sobre os adolescentes da escola A1, situação que compromete a produção literária do Estado, pois a influência sobre o destinatário é de fundamental importância para a obra literária conforme salienta Zilberman (1989): “a função social da arte advém da possibilidade de influenciar o destinatário” (1989, p. 50). No caso da escola A1, os textos locais parecem não estar desempenhando sua função social, ou estão o fazendo de forma bastante limitada.

Os textos locais mencionados na escola A1 estão descritos no quadro a seguir:

Quadro 10: Produções locais citadas na escola A1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola A1:	Produções locais	Quant.
1787 alunos	<i>A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer.</i>	0,06%
	<i>A mulher do Garimpo</i>	0,06%
	<i>Cruviana</i>	0,11%
	<i>Do Caburaí ao Chuí</i>	0,06%
	<i>Geografia e História de Roraima</i>	1,18%
	<i>Makunaimando</i>	0,11%
	<i>O beijo da dependência química</i>	0,78%
	<i>Retalhos</i>	0,06%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

É possível perceber que só duas canções do movimento Roraimeira foram referidas: a canção *Cruviana* (1994), da autoria de Neuber Uchôa, e a canção *Makunaimando* (1990), da autoria de Neuber Uchôa e Zeca Preto. Ambas as canções obtiveram 0,11% das respostas dos alunos e dessa forma ocuparam a terceira posição na lista dos textos citados na escola A1.

Outras seis publicações locais foram indicadas pelos adolescentes. Com o maior número de indicações (1,18%) ficou o livro *Geografia e História de Roraima* (1996), de Aimberê Freitas, que é roraimense e tem diversos livros publicados.

Algumas de suas publicações são: *Administração da Justiça em Roraima* (1996); *Mosaico de Sonhos* (S/D) e *Boa Vista: boa de viver* (2008). A obra de Aimberê Freitas volta-se, principalmente, para questões geográficas e históricas da região amazônica, especialmente de Roraima. Seu livro, *Geografia e História de Roraima* (1996) é utilizado até hoje nas disciplinas de História e Geografia do ensino médio, quando a intenção é tratar de questões específicas a respeito de Roraima. Dessa forma, deve ter sido essa relação entre o escritor e o ensino no Estado que levou os alunos da escola A1 a citarem o livro de Aimberê Freitas. Entretanto, o fato da obra do escritor não ser literária e mesmo assim ter sido citada pelos adolescentes da escola A1 pode nos levar a uma possível discussão sobre a relação desses jovens com a literatura, ou seja, será que eles sabem o que é literatura? Tal discussão poderá ser desenvolvida em outro momento oportuno, fora do âmbito desta dissertação.

A segunda produção local mais mencionada foi *O Beijo da Dependência Química* (2006), de Darkson Mota, que ficou com 0,78% das respostas dos alunos. Esse livro é um texto autobiográfico no qual o escritor relata uma vida cheia de conflitos por causa de seu envolvimento com drogas e com a criminalidade.

Em quarto lugar na lista dos textos apontados na escola A1, com 0,06% ficaram os seguintes textos: *A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer* (1999); *A mulher do Garimpo* (1976); *Do Caburaí ao Chuí* (2012) e *Retalhos* (2007).

O livro *A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer* (1999) foi escrito por Platão Arantes, que é jornalista e fotógrafo. Nesse livro, o jornalista relata uma pesquisa que fez, durante mais de uma década, sobre o prisioneiro francês René Belbenoit, que fugiu, em 1935, da Ilha do Diabo, presídio localizado na Guiana Francesa, e viveu durante a segunda metade do século XX onde hoje está situado o estado de Roraima. Segundo a pesquisa de Platão Arantes, René Belbenoit foi o verdadeiro autor do livro *Papillon*, no qual narra todos os acontecimentos sobre a fuga da prisão francesa. Entretanto, foi Henri Charriere que ficou mundialmente conhecido como o autor da narrativa. Dessa forma, em *A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer* (1999), Platão

Arantes escreve sobre a farsa de Henri Charriere e a verdadeira história que envolve a autoria de *Papillon*¹⁷. Outro livro do jornalista foi mencionado em A1, o livro *Do Caburaí ao Chuí* (2012), no qual ele trata dos verdadeiros pontos extremos do Brasil.

O livro *A Mulher do Garimpo* (1976), citado pelos alunos da escola A1, é de Nenê Macaggi. A escritora, que faleceu em março de 2003, aos 90 anos, era paranaense radicada em Roraima. De acordo com Silva (2012), sua obra volta-se para questões relacionadas à identidade amazônica, às adversidades da vida no garimpo, à migração, às questões indígenas, entre outras. Ainda segundo Silva (2012), *A Mulher do Garimpo* (1976) é um romance que pode ser considerado como o marco inicial da produção romanesca em Roraima, no qual a autora aborda, principalmente, “a construção de uma identidade roraimense em consonância ou subordinação às especificidades do imaginário do que seja a Amazônia” (2012). Outras publicações de Nenê Macaggi são: *Contos de Amor Sentimentais e trágicos* (1988); *Dada Gemada: doçura e amargura* (S/D) e *Exaltação ao Verde* (S/D).

O livro *Retalhos* (2007), também com 0,06% das indicações dos estudantes de A1, tem como organizador Aroldo Pinheiro. Segundo o organizador, *Retalhos* (2007) “é uma coletânea democrática e eclética de contos, artigos, crônicas e poesias escritas por roraimenses e roraimados” (2007, p. 03). Atualmente, já há *Retalhos II* e *Retalhos III*, publicados em 2008 e 2010, respectivamente.

A partir da lista de produções referidas na escola A1, percebemos que alguns poucos alunos têm conhecimento a respeito dos textos locais, pois as produções locais foram citadas por não mais que 2,40% dos estudantes. E, no que tange às publicações do Roraimeira, o número é ainda menor, pois só 0,22% dos alunos indicaram textos do movimento.

Precisamos verificar se outros escritores locais (os possíveis escritores dos livros apontados), além dos representantes do movimento Roraimeira, foram aludidos na referida escola. O quadro 11, que segue abaixo, apresenta essa informação:

¹⁷ O jornalista tem outro livro publicado sobre essa pesquisa: *Papillon: o homem que enganou o mundo* (2002).

Quadro 11: Índice de citações de outros escritores locais na escola A1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola A1:	Citaram nomes de outros escritores locais:	Quant.
1787 alunos	Sim	5,65%
	Não	86,80%
	Não respondeu	7,55%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Constatamos que 5,65% dos estudantes da escola A1 nomearam outros escritores locais, o que representa mais que o dobro de citações dos representantes do Roraima (2,23%). Averiguamos então que a influência de outros escritores locais sobre os jovens de A1 é superior à influência dos escritores do Roraima, embora o índice de recepção dos escritores locais em geral seja bastante reduzido.

Os nomes dos outros escritores aludidos em A1 estão descritos no quadro 12, adiante:

Quadro 12: Outros escritores locais citados na escola A1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola A1:	Escritores citados:	Quant.
1787 alunos	Aimberê Freitas	4,03%
	Aléxia Link	0,11%
	Ayrton Vieira	0,06%
	Darkson Mota	0,95%
	Dorval de Magalhães	0,06%
	Josemir Silvério	0,06%
	Nenê Macaggi	0,28%
	Zanny Adairalba	0,11%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Vemos que Aimberê Freitas (escritor do livro *Geografia e História de Roraima*), foi o mais aludido, com 4,03% das respostas dos alunos. Em seguida vem Darkson Mota, (escritor do livro *O Beijo da Dependência Química*), com 0,95% das indicações. Em terceiro, surge o nome de Nenê Macaggi (escritora do livro *A Mulher do Garimpo*), com 0,28% das menções.

Em quarto lugar aparecem Aléxia Link e Zanny Adairalba, ambas com 0,11% dos apontamentos. Aléxia Link é arquiteta, especialista em ensino de literatura pela Universidade Federal de Roraima, contadora de histórias e tem sete publicações infanto-juvenis: *O arco-íris coloriu* (1999); *Ciranda dos Contos* (2001); *A flor do Tepui* (2004); *Turma do Lavrado* (2005); *Tangolomango da massa* (2005); *Um e outro* (2007) e *Tudo ao seu tempo: catavento de histórias* (2010).

Zanny Adairalba é compositora, poeta e membro fundadora do Coletivo Arteliteratura Caimbé, uma associação cultural amazônica, cujo objetivo é fomentar a cidadania e a cultura, tendo como ferramenta principal a literatura. As publicações de Zanny são: *Micropoemas*; *Palavras em Preto e Branco* (2010) e *Repoetizando* (2012), além de diversos cordéis.

Em quinto lugar, com 0,06% de alusões na lista de *outros escritores citados*, estão Ayrton Vieira, Dorval de Magalhães e Josemir Silvério. Ayrton Vieira é professor, escritor e músico e tem dois livros publicados. O primeiro, *Você conhece esse moleque de cara Gonzaga* (2001), é um livro que relata uma pesquisa sobre a vida e a obra de Luiz Gonzaga Jr. O segundo, *Coisinha Assim!* (2006), é um livro infanto-juvenil.

Dorval de Magalhães, que faleceu em 2006, aos 91 anos, era engenheiro agrônomo, escritor e também foi secretário municipal de Boa Vista. Foi Dorval de Magalhães que escreveu o hino do Estado de Roraima. Segundo muitos pesquisadores locais, o escritor teve participação decisiva na implantação da Academia Roraimense de Letras. Duas de suas principais publicações são: *Áurea* (1984) e *Este mundo esta doente: crônicas* (1986).

Josemir Silvério é autor do livro *Mika: uma infância perdida* (2010), no qual relata a sua infância, vivida na cidade de Boa Vista. De acordo com o escritor, o livro aborda duas questões polêmicas: violência doméstica e trabalho infantil¹⁸.

4.2.2 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona norte

Na escola selecionada na zona norte, a qual nomearemos aqui de B1, 86 alunos participaram da pesquisa no ano de 2010, pois a escola é de pequeno porte. A seguir, o quadro 13 apresenta os índices de recepção do Roraimeira nessa escola:

Quadro 13: Índice de citações do Roraimeira na escola B1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola B1:	Citaram nomes de representantes do movimento Roraimeira:	Quant.
86 alunos	Sim	2,33%
	Não	97,67%
	Não respondeu	0,0%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Segundo as informações constantes no quadro anterior, dos 86 alunos da escola B1, 2,33% nomearam representantes do Roraimeira, porcentagem que corresponde a 2 alunos. E, esses dois alunos citaram o nome de Neuber Uchôa. Nessa escola não houve indicação de títulos de produções locais. Diante disso, depreendemos que os dois alunos que citaram Neuber Uchôa não traçaram nenhuma relação entre esse representante e algum texto local.

Em relação às séries de ensino da escola B1, as indicações ocorreram somente no primeiro e no segundo ano do ensino médio. Assim, em cada uma dessas séries, um aluno citou Neuber Uchôa, enquanto que no terceiro ano, com 14 alunos, não houve qualquer alusão aos representantes do movimento.

¹⁸ Informações disponíveis em www.amazon.com. Acessado em 07/02/2014, às 16:00 horas.

No que tange a outros escritores locais presentes nas respostas dos estudantes da escola B1, localizada na zona norte de Boa Vista, o quadro 14, a seguir, apresenta os índices de citação.

Quadro 14: Índice de citações de outros escritores locais na escola B1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola B1:	Citaram nomes de outros escritores locais:	Quant.
86 alunos	Sim	1,16%
	Não	98,84%
	Não respondeu	0,0%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Assim, 1,16% dos alunos da escola B1 apontou nomes de outros escritores locais. Dessa forma, compreendemos que os alunos da referida escola que não citaram os representantes do Roraima, lembraram de outro nome relacionado ao Estado de Roraima, pois o único escritor citado pelos estudantes foi o escritor Aimberê Freitas, que também foi apontado na escola A1.

4.2.3 Níveis de recepção do Movimento Roraima: zona sul

Na escola localizada na zona sul da cidade (que recebeu neste texto a nomenclatura C1), 670 alunos responderam ao questionário da pesquisa. O quadro 15, adiante, mostra os índices de recepção do movimento Roraima na referida escola.

Quadro 15: Índice de citações do Roraima na escola C1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola C1:	Citaram nomes de representantes do movimento Roraima:	Quant.

670 alunos	Sim	2,24%
	Não	87,61%
	Não respondeu	10,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Constatamos que dos 670 alunos que participaram da pesquisa na escola C1, meramente 2,24% indicaram nomes de representantes do Roraimeira. Vemos, mais uma vez, raras alusões aos artistas do movimento dentro de uma instituição de ensino, onde a leitura é uma atividade fundamental. Dessa maneira, podemos entender que o baixo índice de alusões ao movimento seja decorrente de aspectos referentes ao gosto e à preferência dos alunos, que, conforme Jobim (1996), se constroem a partir do papel do professor de transmitir aos alunos o seu próprio gosto literário. Assim, entendemos que a ausência dessa transmissão tem forte ligação com a recepção do texto literário, pois, segundo Zilberman (1989), o gosto e a preferência interferem na circulação da obra de arte (1989, p. 17).

No que tange a cada um dos três representantes, o quadro 16, adiante, indica as quantidades de citações:

Quadro 16: Índice de citações dos três representantes na escola C1

Representante:	Quant.
Eliakin Rufino	1,64%
Neuber Uchôa	0,0%
Zeca Preto	0,60%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Observamos que 1,64% apontou Eliakin Rufino; 0,60% apontaram Zeca Preto. Já Neuber Uchôa não foi apontado nesta escola. Assim como em A1, Eliakin aparece como o mais citado pelos estudantes.

No tocante às séries de ensino da escola C1, o quadro 17, adiante, apresenta a divisão dos índices de recepção do movimento Roraimeira:

Quadro 17: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola C1

Respostas:	1º ano do ensino médio da escola C1: 227 alunos	2º ano do ensino médio da escola C1: 236 alunos	3º ano do ensino médio da escola C1: 207 alunos
Sim	0,0%	3,39%	3,38%
Não	86,34%	92,37%	83,58%
Não respondeu	13,66%	4,24%	13,04%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Averiguamos que o maior índice foi no segundo ano do ensino médio, com 3,39% de citações de um total de 236 alunos. No terceiro ano, dos 207 alunos que participaram da pesquisa, 3,38% indicaram nomes dos representantes do Roraimeira. No primeiro ano, não houve qualquer alusão ao movimento.

No que concerne às produções locais, o quadro 18, a seguir, indica a quantidade de alusões:

Quadro 18: Índice de citações das produções locais na escola C1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola C1:	Citaram títulos de produções locais:	Quant.
670 alunos	Sim	2,24%
	Não	87,61%
	Não respondeu	10,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

A partir do quadro acima é possível perceber que só 2,24% dos estudantes da escola C1 mencionaram títulos de produções locais, o mesmo número de menções em relação aos nomes dos representantes do movimento na referida escola. Esse baixo número de alusões aos textos locais, assim como ocorreu nas escolas anteriores, nos leva a confirmar a necessidade da incorporação da produção local ao ensino literário em Roraima, para que dessa forma, o contato

dos estudantes com tais textos contribua com a recepção e a permanência da produção local, pois, como salienta Zilberman (1989), a presença social e a continuidade da obra só podem ser justificadas pela valorização da experiência estética (1989, p. 53).

Adiante temos a descrição dos títulos locais mencionados pelos jovens da escola C1.

Quadro 19: Produções locais citadas na escola C1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola C1:	Produções locais:	Quant.
670 alunos	<i>Beiral</i>	0,45%
	<i>Brincadeira</i>	0,15%
	<i>História e Geografia de Roraima</i>	0,74%
	<i>O beijo da dependência química</i>	0,45%
	<i>Pássaros Ariscos</i>	0,15%
	<i>Raposa Serra do Sol</i>	0,15%
	<i>Vias e Veias</i>	0,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012

Verificamos que três livros do movimento Roraimeira foram citados: *Beiral* (1987), de Zeca Preto; *Brincadeira* (1991) e *Pássaros Ariscos* (1984), ambos de Eliakin Rufino. O livro de Zeca Preto obteve 0,45% das indicações, e, cada um dos livros de Eliakin Rufino obteve 0,15% das alusões. Dessa forma, a escola C1 foi a que apresentou, até agora, maior diversidade de textos do Roraimeira citados. Entretanto, outra produção local ganhou destaque nessa escola, pois, novamente, o livro de Aimberê Freitas surge em primeiro lugar, com 0,74% de menções. E, com a mesma quantidade de alusões de *Beiral* (1987), está, novamente, o livro *O beijo da dependência química*, de Darkson Mota, com 0,45%. Com 0,15% das respostas dos alunos surgem os títulos *Vias e Veias* (S/D) e “Raposa Serra do Sol”. O primeiro é um livro de poemas, escrito por Walber Aguiar, poeta local. O segundo, como o aluno que o citou não fez referência ao autor e nem acrescentou qualquer outra informação, tornou-se impossível a identificação do livro, pois, em Boa Vista, diversos livros já foram publicados tendo como título “Raposa Serra do Sol”, mas, sempre acompanhados de um subtítulo. Todavia, tais livros não são considerados textos literários.

Levando em consideração os números de citações dos textos locais, averiguamos que os textos do Roraimeira obtiveram praticamente a metade das indicações das outras publicações, pois, os três livros do movimento tiveram 0,75% de alusões, enquanto que os outros obtiveram 1,49% das respostas dos alunos de C1.

Observaremos no quadro a seguir a quantidade de outros escritores indicados pelos estudantes da escola C1.

Quadro 20: Índice de citações de outros escritores locais na escola C1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola C1:	Citaram nomes de outros escritores locais:	Quant.
670 alunos	Sim	4,48%
	Não	85,37%
	Não respondeu	10,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Conforme o quadro acima, 4,48% dos estudantes da escola C1 apontaram outros escritores locais, o que representa o dobro das alusões aos artistas do Roraimeira. O quadro 21, que segue abaixo, apresenta quais foram os outros escritores locais citados:

Quadro 21: Outros escritores locais citados na escola C1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola C1:	Escritores citados:	Quant.
670 alunos	Aimberê Freitas	2,24%
	Aroldo Pinheiro	0,15%
	Laucides de Oliveira	0,30%
	Darkson Mota	0,15%
	Dorval de Magalhães	0,30%
	Walber Aguiar	0,15%
	Nenê Macaggi	0,30%
	Edgar Borges	0,15%

	Amazonas Brasil	0,15%
	Cecy Brasil	0,59%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que, em primeiro lugar, mais uma vez aparece o nome de Aimberê Freitas, com 2,24% das citações. Em seguida vem Cecy Brasil, com 0,59% das indicações. A escritora tem um livro publicado, *Coleção Ajuri* (1987). Em terceiro lugar estão Laucides de Oliveira, Dorval de Magalhães e Nenê Macaggi, todos com 0,30% das alusões (esses dois últimos já foram citados na escola A1). Laucides de Oliveira foi jornalista e tem um livro publicado: *Boa Vista – 1953: Uma Aventura* (2011). O jornalista faleceu em Boa Vista, em 2012, aos 80 anos.

Em quarto lugar, na lista de outros escritores locais citados na escola C1, estão: Walber Aguiar, Edgar Borges, Aroldo Pinheiro, Amazonas Brasil e Darkson Mota, todos com 0,15% dos apontamentos. Esse último também foi apontado na escola A1.

Walber Aguiar tem um livro de poemas publicado, intitulado *Vias e Veias* (S/D), que também foi citado na escola C1. Edgar Borges é escritor e integrante do Arteliteratura Caimbé (associação cultural amazônica, cujo objetivo é fomentar a cidadania e a cultura, tendo como ferramenta principal a literatura). O escritor tem dois livros de micronarrativas publicados: *Sem Grandes Delongas* (2011) e *Roraima Blues* (2008) (e-book). Aroldo Pinheiro é jornalista e organizador das coletâneas *Retalhos* (2007); *Retalhos II* (2008) e *Retalhos III* (2010).

Amazonas Brasil, que faleceu em 2010, foi escritor e conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado de Roraima e pertenceu a uma das famílias mais tradicionais do Estado, a família Brasil. O escritor tem nove livros publicados, dentre eles: *Boa Vista: a história das famílias roraimenses* (S/D); *Raposa Serra do Sol* (S/D); *Tudo bem, mas com a corda no pescoço* (S/D); *Boa Vista: da Intendência à Câmara Municipal* (2010) e *Textos publicados na Imprensa de Roraima* (2010). Esses dois últimos foram lançados após a morte do escritor, em novembro de 2010, na XX Feira de Livros do SESC-RR.

4.2.4 Níveis de recepção do movimento Roraimeira: zona leste

Como já foi dito anteriormente, a zona leste é uma das menos populosas da cidade, com apenas 5.693 habitantes até o ano de 2007 (IBGE, 2007). Existem apenas três bairros nesta zona, e uma escola de grande porte assiste à população, a escola D1. No dia da aplicação dos questionários na escola, 672 alunos participaram da pesquisa. O quadro 22, adiante, indica os níveis de recepção do movimento em D1.

Quadro 22: Índice de citações do Roraimeira na escola D1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola D1:	Citaram nomes de representantes do movimento Roraimeira:	Quant.
672 alunos	Sim	2,08%
	Não	93,60%
	Não respondeu	4,32%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Verificamos que dos 672 estudantes da escola D1, somente 2,08% afirmaram conhecer representantes do movimento Roraimeira, o que representa apenas 14 alunos do quantitativo de questionários respondidos na escola. A maioria (93,60%) afirmou não conhecer tais representantes e 4,32% não quiseram responder à questão de número 30 do questionário. No tocante a cada um dos representantes citados nessa escola, o quadro 23 indica as quantidades:

Quadro 23: Índice de citações dos três representantes na escola D1

Representante:	Quant.
Eliakin Rufino	1,19%
Neuber Uchôa	0,45%
Zeca Preto	0,45%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que Eliakin Rufino, novamente, foi o mais citado, com 1,19% das citações. Em seguida, com 0,45% dos apontamentos estão Neuber Uchôa e Zeca Preto.

No quadro 24, a seguir, encontra-se a distribuição das citações dos representantes do movimento por séries de ensino:

Quadro 24: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola D1

Respostas:	1º ano do ensino médio da escola D1:	2º ano do ensino médio da escola D1:	3º ano do ensino médio da escola D1:
	265 alunos	189 alunos	218 alunos
Sim	0,75%	1,06%	4,59%
Não	99,25	87,30%	92,20%
Não Respondeu	0,0%	11,64%	3,21%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Conforme observamos acima, no terceiro ano do ensino médio da escola D1 os representantes do movimento foram mais aludidos, com 4,59% de indicações de um total de 218 estudantes. Em segundo lugar ficou o segundo ano do ensino médio, com 1,06% de menções de um total de 189 alunos. O primeiro ano do ensino médio da escola D1, que apresentou a maior quantidade de alunos participantes da pesquisa em relação às outras séries da escola (265 alunos), teve o índice mais baixo de citações, ou seja, 0,75%. Notamos que nessa série de ensino, nenhum aluno deixou em branco a questão de número 30, diferentemente do segundo e do terceiro ano, nos quais 11,64% e 3,21%, respectivamente, não responderam à questão.

Para sabermos se os alunos da escola D1 que afirmaram conhecer os representantes do movimento Roraimeira também citaram títulos de produções locais, devemos observar o quadro a seguir:

Quadro 25: Índice de citações das produções locais na escola D1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola D1:	Citaram títulos de produções locais:	Quant.
672 alunos	Sim	2,08%
	Não	93,60%
	Não respondeu	4,32%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Percebemos que dos 672 alunos participantes da pesquisa na escola D1, somente 2,08% citaram títulos de produções locais. À vista disso, notamos que a maioria dos adolescentes de D1, assim como de A1, B1 e C1, não tem contato com os textos literários locais e dessa forma desconhece os sentidos provenientes de tais leituras, já que segundo Stierle (2011), “o processo da recepção encontra seu limite apenas na capacidade do leitor de apreender o texto como um conjunto infinito de relações constitutivas de sentido” (2011, p. 145).

Os textos indicados pelos jovens da escola D1 estão expostos no quadro a seguir:

Quadro 26: Produções locais citadas na escola D1

Produções locais:	Quant.
<i>O beijo da dependência química</i>	1,48%
<i>A mulher do garimpo</i>	0,45%
<i>Retalhos</i>	0,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Averiguamos que nenhuma produção do movimento foi citada na escola D1. Até mesmo aqueles alunos que afirmaram conhecer Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto, não fizeram alusão a qualquer produção lítero-musical dos escritores. Entretanto, os estudantes dessa escola citaram títulos de outros textos locais e tais citações obtiveram a mesma quantidade em relação aos nomes dos representantes do movimento indicados na escola, ou seja, 2,08% de um total de 672 adolescentes.

O texto que apresentou maior porcentagem na escola D1 foi *O Beijo da Dependência Química* (2006), de Darkson Mota, que ficou com 1,48% das respostas dos alunos. Esse livro também foi citado na escola A1. Em segundo lugar, vem o livro *A Mulher do Garimpo* (1976), de Nenê Macaggi, com 0,45%, que também foi apontado na escola A1. Em terceiro lugar ficou o livro *Retalhos* (2007), com 0,15% das citações, também citado na escola A1.

Como os alunos de D1 apontaram títulos de outras produções locais, precisamos saber se eles também indicaram outros escritores, além dos representantes do movimento. O quadro 27, que segue abaixo, apresenta essa informação:

Quadro 27: Índice de citações de outros escritores locais na escola D1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola D1:	Citaram nomes de outros escritores locais:	Quant.
672 alunos	Sim	5,21%
	Não	90,48%
	Não respondeu	4,31%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Verificamos que dos 672 alunos da escola D1, 5,21% afirmaram conhecer outros escritores locais, número que representa mais que o dobro das citações em relação aos representantes do Roraima, as quais chegaram a apenas 2,08%. No quadro seguinte, encontram-se os nomes dos escritores citados pelos estudantes:

Quadro 28: Outros escritores locais citados na escola D1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola D1:	Escritores citados:	Quant.
672 alunos	Adair Santos	0,30%
	Aimberê Freitas	2,68%
	Amazonas Brasil	0,15%
	Darkson Mota	1,19%

	Dorval de Magalhães	0,15%
	Michel Sales	0,15%
	Nenê Macaggi	0,45%
	Zanny Adairalba	0,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Com a maior quantidade de menções, aparece novamente o nome de Aimberê Freitas, que já havia sido citado nas escolas A1 e B1. Em D1, o escritor aparece em 2,68% das respostas dos estudantes. Em seguida, vem Darkson Mota, com 1,19% de citações, que também foi citado na escola A1. Em terceiro lugar está a escritora Nenê Macaggi, com 0,45%, também citada na escola A1. Com 0,30% das respostas, surge o nome de Adair Santos, escritor e membro da Academia Roraimense de Letras. Ele tem dois livros sobre Roraima publicados, que são: *Roraima: História Geral* (2010) e *História da Livre Iniciativa no Desenvolvimento Socioeconômico do Estado de Roraima (S/D)*. Além dessas duas publicações, Adair Santos tem outros dois livros: *O objetivo de todo jovem: vencer* (1991) e *O Livre Arbítrio – na busca da espiritualidade – uma luz no fim do túnel* (S/D). Na quinta posição na escola D1, aparecem os seguintes nomes: Amazonas Brasil, Dorval de Magalhães, Michel Sales e Zanny Adairalba. Todos obtiveram 0,15% dos apontamentos dos alunos. Dorval de Magalhães e Zanny Adairalba também foram citados em A1 e Amazonas Brasil também foi indicado em C1.

Michel Sales tem 29 anos de idade e é acadêmico do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima. Ele escreve poemas, crônicas e contos, mas ainda não tem livros publicados. Seus textos são encontrados em blogs na internet e em cadernos publicados por eventos culturais, como o *YAMIX*, evento realizado pela Universidade Estadual de Roraima que reúne poesia, música, dança, artes plásticas e audiovisual e ocorre no município de Pacaraima. Na **Revista do III YAMIX**, organizada pelo professor Dr^o. Devair Fiorott, Michel Sales teve os seguintes textos publicados: *Signo maumau* (poema); *Sinergia Pragmática* (poema); *A pseudo-arte dos mini-homens* (crônica); *A vacuidade do homem* (crônica) e *O mistério dentro do inóspito* (conto).

Após a análise dos escritores citados pelos estudantes de D1, notamos que Aimberê Freitas obteve um número maior de citações (2,68%) do que os três representantes do Roraima juntos (2,08%). Nesse sentido, podemos inferir que as publicações de Aimberê Freitas são mais representativas na escola D1 do que os textos do movimento. Outro fator importante na análise do quadro 29 diz respeito à diversidade de escritores citados pelos alunos da escola D1, pois oito escritores locais (além dos representantes do Roraima) foram lembrados pelos estudantes, sendo que tais escritores apresentam várias diferenças entre si, diferenças que vão desde a faixa etária até aos temas e gêneros textuais trabalhados. Assim, foram apontados escritores de textos biográficos (Darkson Mota), escritores da área de história e geografia (Aimberê Freitas e Adair Santos), escritores de prosa (Nenê Macaggi) e escritores de poesia (Zanny Adairalba).

4.2.5 Níveis de recepção do movimento Roraima: zona oeste

Como já foi dito anteriormente, a zona oeste é a mais populosa da cidade, com 35 bairros abrigando mais de 70% da população da cidade. Por essa razão, duas escolas dessa zona foram analisadas. Começaremos a apresentação dos dados pela escola E1.

No dia da aplicação dos questionários na escola E1, 78 alunos participaram da pesquisa. A seguir, o quadro 29 apresenta os dados obtidos na escola E1 em relação à recepção do movimento Roraima.

Quadro 29: Índice de recepção do Roraima na escola E1

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola E1:	Citaram nomes de representantes do movimento?	Quant.
78 alunos	Sim	1,28%
	Não	88,46%
	Não respondeu	10,26%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Conforme notamos no quadro 29, dos 78 alunos que participaram da pesquisa em E1, apenas um aluno (1,28%) mencionou o nome de Eliakin Rufino e esse aluno era do terceiro ano do ensino médio.

Na escola E1 não houve citações de textos do movimento Roraimeira, bem como de produções de quaisquer outros escritores locais.

No que tange a outros escritores citados pelos estudantes da escola E1, além dos escritores do Roraimeira, apenas um escritor foi citado, Gean Queiroz, com 3,85% das indicações dos estudantes. Gean Queiroz nasceu em Roraima, porém, vive em Estocolmo. Ele é ator de teatro e escreve poemas. Tem dois livros publicados: *Fúria, pólvora e escracho: poemas subterrâneos* (2001) e *Um macuxi na Escandinávia: paisagens poéticas ou quase-contos de vida* (S/D).

A partir da análise dos dados de E1, verificamos que os números obtidos nessa escola em relação aos nomes dos representantes do movimento Roraimeira são os menos significativos até agora.

Escola E2

Na segunda escola da zona oeste (escola E2), 429 alunos responderam ao questionário. Adiante estão os dados que indicam a recepção do Roraimeira na referida escola.

Quadro 30: Índice de recepção do Roraimeira na escola E2

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola E2:	Citaram nomes de representantes do movimento:	Quant.
429 alunos	Sim	0,93%
	Não	86,95%
	Não respondeu	12,12%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Verificamos que dos 429 alunos que participaram da pesquisa em E2, só 0,93% mencionaram nomes de escritores do Roraimeira, assim, é nessa escola que temos o menor índice de recepção do movimento. Dessa forma, 86,95% dos estudantes não apontaram os representantes do movimento e 12,12% não

responderam à questão 30, pertencente a esta pesquisa. No que tange a cada um dos três representantes citados, o quadro 31 mostra os resultados:

Quadro 31: Índice de citações dos três representantes na escola E2

Representantes:	Quant.
Eliakin Rufino	0, 47%
Neuber Uchôa	0, 23%
Zeca Preto	0, 23%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Observamos que Eliakin Rufino, mais uma vez, aparece como o mais citado, com 0, 47% das respostas dos alunos. Em seguida vem Neuber Uchôa e Zeca Preto, ambos com 0,23% das menções. No tocante à recepção do movimento por séries de ensino, o quadro 32 mostra os resultados:

Quadro 32: Índice de citações do Roraimeira por séries na escola E2

Respostas:	1º ano do ensino médio da escola E2:	2º ano do ensino médio da escola E2:	3º ano do ensino médio da escola E2:
	171 alunos	159 alunos	99 alunos
Sim	0,58%	1,26%	1,01%
Não	85,97%	89,93%	83,84%
Não Respondeu	13,45%	8,81%	15,15%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Percebemos que dos 171 alunos do primeiro ano do ensino médio da escola E2, apenas 0,58% citaram nomes de representantes do movimento. Dos 159 alunos do segundo ano do ensino médio, somente 1,26% apontaram os representantes e dos 99 alunos do terceiro ano do ensino médio, só 1,01% fizeram tais alusões. Dessa forma, a maior porcentagem encontra-se no segundo ano do ensino médio, o mesmo ocorreu em A1 e C1.

No que concerne às produções locais, dos 429 alunos da escola E2, somente 0,23% citaram títulos de produções locais, sendo que nenhuma produção do Roraimeira foi citada. Na verdade, apenas uma produção local foi indicada, o livro

A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer (1999), de Platão Arantes, livro que também foi apontado na escola A1.

Em relação a outros escritores citados pelos estudantes da escola E2, o quadro 33, adiante, indica esses dados:

Quadro 33: Índice de citações de outros escritores locais na escola E2

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola E2:	Citaram nomes de outros escritores locais	Quant.
429 alunos	Sim	5,13%
	Não	82,75%
	Não respondeu	12,12%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que a quantidade de alunos que indicou nomes de outros escritores (5,13%) corresponde a quase cinco vezes a quantidade de alunos que citou os representantes do Roraimeira (0,93%). Os nomes dos outros escritores referidos pelos estudantes da escola E2 estão dispostos adiante:

Quadro 34: Outros escritores citados na escola E2

Total de alunos que respondeu ao questionário na escola E2:	Escritores citados:	Quant.
429 alunos	Adair Santos	0, 23%
	Aimberê Freitas	2,3%
	Alisson Cristian	0, 23%
	Aléxia Link	0, 93%
	Darkson Mota	0, 23%
	George Farias	0, 47%
	Josemar de Sousa	0, 23%
	Platão Arantes	0, 47%

Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Conforme os dados acima, Aimberê Freitas novamente aparece em primeiro lugar, com 2,3% das menções dos alunos da escola E2. Em segundo vem Aléxia Link, com 0,93% das respostas (também citada na escola A1). Em terceiro lugar vêm George Farias e Platão Arantes, ambos com 0,47% dos apontamentos. George Farias é cantor, compositor e poeta. O compositor é natural de Fortaleza (CE), radicado em Roraima desde 1989, tem três CDs autorais lançados e dois livros de poemas publicados: *Vocais dos Mitos* (2003) e *Dança dos Sinos* (2011).

Em quarto lugar, com 0,23% das citações, estão: Adair Santos, Alisson Cristian, Darkson Mota e Josemar de Sousa. Adair Santos e Darkson Mota também foram mencionados na escola D1.

Alisson Cristian é cantor e compositor. Em 2006, o cantor participou de um projeto estadual no qual visitou todas as escolas de ensino médio de Boa Vista levando música para a sala de aula. Já Josemar de Sousa é membro da Associação dos Artistas de Roraima (Assart-RR) e tem um livro publicado: *No Ar* (S/D)

Ao verificar os principais dados da escola E2, notamos que os números obtidos nessa escola em relação aos nomes dos representantes do movimento Roraimeira são os menos significativos em relação a todas as outras escolas, pois somente 0,93% dos estudantes citaram os representantes. Entretanto, a porcentagem de citações de outros escritores locais é a segunda maior, com 5,13%, que vem logo após a porcentagem da escola D1, com 5,21% de outros escritores citados.

Observando os resultados obtidos nas seis escolas, notamos que os menores índices de indicações dos representantes do Roraimeira ocorreram nas escolas da zona oeste, que é a zona mais populosa da cidade e, conforme Silva; Almeida; Rocha, “predominam nela, principalmente pessoas de baixo poder aquisitivo” (2009, p. 3). Assim, na escola E1, só um aluno mencionou o representante Eliakin Rufino e na escola E2, apenas 0,93% indicaram representantes. O maior número de indicações, a partir do quantitativo de alunos por escola, ocorreu em B1, com 2,33% de alusões aos representantes do movimento. Essa escola está localizada na zona norte, que é formada por uma população cuja maioria das famílias é de médio a alto poder aquisitivo e é a segunda zona mais populosa da cidade. Após

o índice de B1, vêm os índices de C1 e A1, com 2,24% e 2,23%, respectivamente. Como já foi aludido, A1 está localizada no centro da cidade e C1 está localizada na zona sul, que fica próxima ao centro, inclusive, há pesquisadores locais que afirmam que o centro de Boa Vista está incluído na zona sul. A escola D1, com 2,08% de indicações dos representantes do movimento, está localizada na zona leste, que, segundo Silva; Almeida; Rocha (2009), apresenta dados sociais que a diferenciam das demais zonas urbanas de Boa Vista, por conter uma população de médio a alto poder aquisitivo e porque as taxas de analfabetismo alcançam o percentual de apenas 4,1% da população residente (2009, p. 04).

A partir dos índices de recepção do movimento entre as seis escolas, podemos inferir que boa parte do público jovem conhecedor do Roraimeira frequentava as escolas dos espaços centrais da cidade (A1 e C1). Vale ressaltar que vários locais situados na parte central da capital, como o Palácio da Cultura Nenê Macaggi, já foram e são até hoje utilizados como palco das manifestações culturais locais, incluindo as apresentações do Roraimeira.

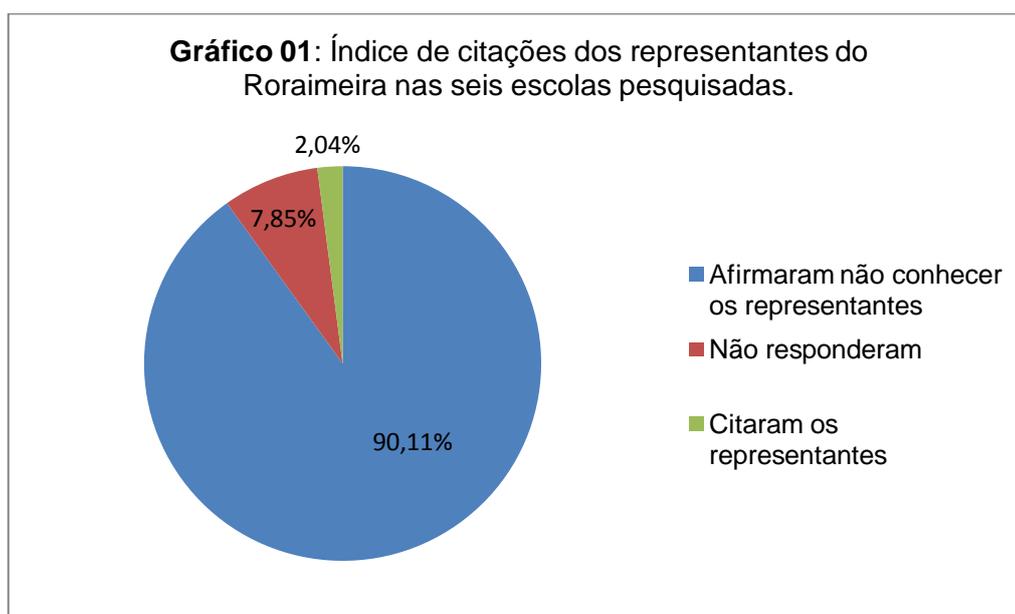
Há ainda a situação da zona norte, representada pela escola B1, que obteve o índice mais elevado das alusões aos representantes do movimento. Essa zona é considerada uma zona privilegiada da cidade, pois a maioria de seus bairros possui as melhores condições de infraestrutura da capital.

Os índices de citação dos representantes do Roraimeira nas seis escolas vão contra o depoimento de Eliakin Rufino sobre a recepção do movimento. Em entrevista cedida aos professores-pesquisadores, Oliveira; Wankler; Souza, (2009), Eliakin afirma: “nós somos ‘consumidos’ pelo povão, porque a elite rejeita, porque nós somos pró-índio”. Todavia, no universo dos quase quatro mil estudantes pesquisados, os dados nos revelaram que a maior incidência de citações dos representantes do movimento ocorreu em zonas privilegiadas, ora por questões de localização (no sentido de proximidade dos locais onde ocorreram/ocorrem as manifestações do movimento), ora por questões econômicas.

4.3 Análise comparativa

Os dados expostos neste subitem giram em torno dos seguintes questionamentos: qual foi o índice de recepção do movimento a partir das seis escolas pesquisadas? Qual foi o índice de outros escritores locais citados em relação ao índice do Roraima? Qual dos três representantes foi mais mencionado? Em quais séries do ensino médio o movimento foi mais aludido? E por fim, qual foi o índice de outros textos locais indicados em comparação aos textos do movimento?

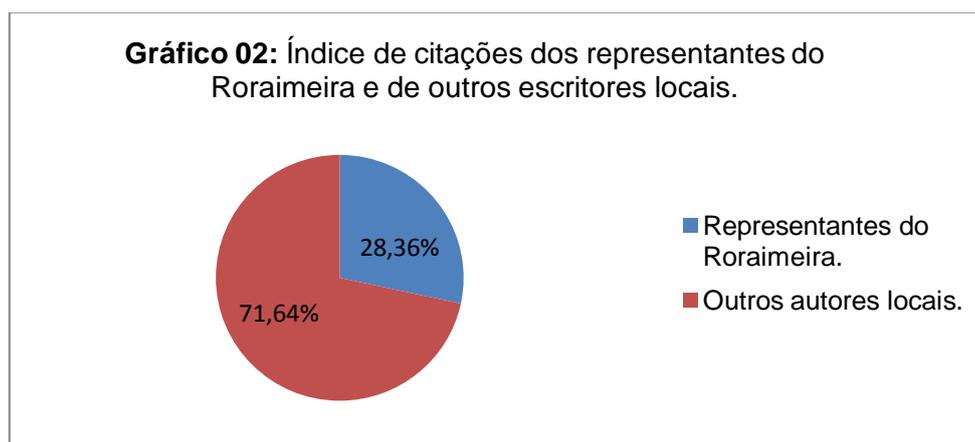
Adiante temos os dados que respondem nosso primeiro questionamento, ou seja, a quantidade de citações dos representantes do movimento Roraima nas seis escolas que participaram da pesquisa. Vale lembrar que o total de participantes da pesquisa foi de 3.722 alunos.



Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Observamos que apenas 2,04%, de um total de 3722 alunos, citaram os representantes do movimento Roraima. Essa porcentagem corresponde a 76 alunos do total. Percebemos que esses dados vão contra muitos estudos locais realizados por professores-pesquisadores sobre a representatividade do

movimento no Estado, inclusive o estudo de Oliveira; Wankler; Souza (2009), que afirmam que “as manifestações do movimento passaram a ser a principal referência para auto-estima da população” (2009, p. 30). Os dados acima nos mostram que 90,11% dos estudantes pesquisados não fizeram qualquer alusão aos escritores do Roraima. Diante do exposto, a hipótese levantada no início desta dissertação sobre o movimento ser conhecido apenas por uma espécie de “elite” parece realmente ser um dado concreto. E, apesar dessa pequena porcentagem de alusões ao movimento, não podemos afirmar que os adolescentes pesquisados não conhecem escritores locais, pois, como vimos nos quadros anteriores, vários nomes foram mencionados. A seguir, temos uma comparação entre os representantes do Roraima e outros escritores locais citados nas seis escolas de Boa Vista, ressaltando que o total de alunos que citou os escritores locais em geral foi de apenas 268.

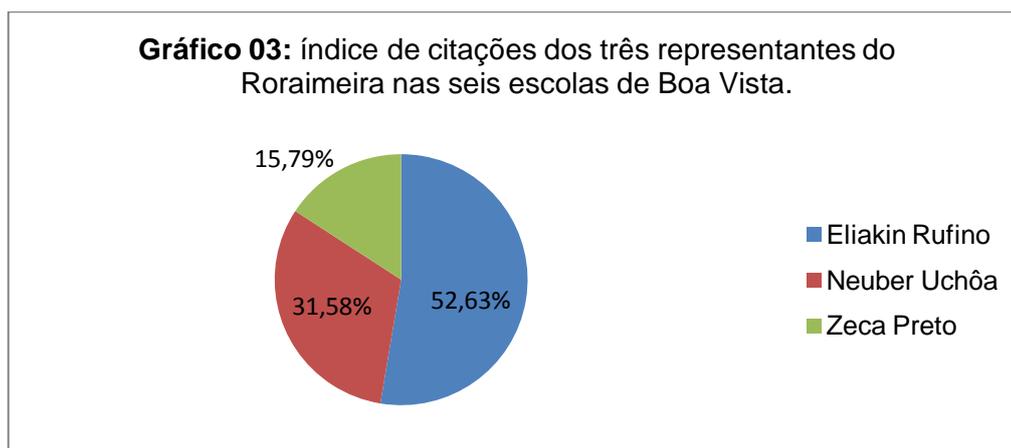


Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que os escritores do Roraima obtiveram somente 28,36% das citações. Os dados expostos no gráfico 02 mostram que outros artistas locais, que não fazem parte de movimentos com pretensão de representação da cultura local, foram mais lembrados pelos estudantes na hora de responder ao questionário. Assim, a maioria dos estudantes pesquisados, pertencentes à possível segunda geração do público do movimento, parece não conhecer os artistas que fazem parte desse programa estético de difusão da cultura do Estado. A partir dos resultados expostos no gráfico acima, podemos deduzir que são

mínimos os fatores que confirmam a existência de uma memória coletiva e/ou culto à obra do Roraimeira.

Adiante observaremos quais dos três representantes foram mais citados no universo das seis escolas participantes deste estudo, lembrando que apenas 76 estudantes fizeram referência aos escritores do Roraimeira:



Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que Eliakin Rufino foi citado em mais da metade (52,63%) dos 76 questionários. Em seguida, com 31,58%, está Neuber Uchôa. Zeca Preto foi mencionado apenas por 15,79% dos estudantes. Talvez esses dados tenham ocorrido porque Eliakin Rufino e Neuber Uchôa participam de muitos eventos voltados para o público mais jovem. Zeca Preto é, dos três, o que tem perfil mais voltado para um público na faixa dos 40 anos.

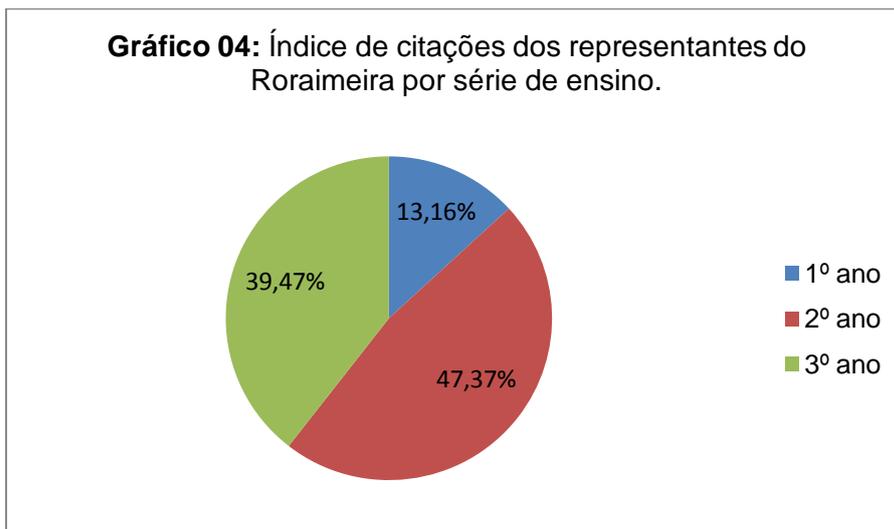
Outro fator que pode ter contribuído para que Eliakin Rufino obtivesse 52,63% das citações diz respeito a sua produção poética de caráter didático-pedagógica. Sobre essa questão, Mibielli (2010) afirma que:

No caso de Eliakin, poeta radicado em Roraima e um dos líderes do movimento Roraimeira, há, com pequenas diferenças, um movimento no sentido de abranger tanto a literatura como um processo educativo lúdico de criação identitária [...] quanto há um discurso sobre a literatura em sua produção poética. Dois de seus livros publicados, *Escola de Poesia* e *Brincadeira*, são dirigidos ao público escolar e trabalham diretamente uma poesia que trata do cotidiano tanto da sala de aula, quanto do universo lúdico (MIBIELLI, 2010, p. 736).

Com base na questão levantada por Mibielli (2010), sobre a função didática de parte da produção poética de Eliakin Rufino, podemos deduzir que alguns professores de literatura do ensino médio de Boa Vista têm levado esses textos poéticos para a sala de aula, já que os livros *Escola de Poesia* e *Brincadeira* são dirigidos ao público escolar. Todavia, os próprios alunos podem ter sido atraídos pela linguagem didática de tais poemas, sem, necessariamente precisarem de indicações de seus docentes.

Neuber Uchôa, em 2006, gravou o CD solo: **Eu preciso aprender a ser pop**, que, segundo Souza (2013), é “seu trabalho mais emblemático, pois foi visto pelo seu público como um distanciamento daquele estatuto do Roraimeira” (2013, p. 49), além de ter sido “considerado pela crítica como uma espécie de reviravolta no estilo de Neuber Uchôa que estaria ‘mais pop’, com letras mais apuradas e investindo num sentido mais global para a sua obra” (2013, p. 60). Diante do exposto, podemos pensar que essa reviravolta no estilo musical do cantor o tenha aproximado do público mais jovem (mesmo que em baixos níveis de recepção, conforme expresso no gráfico 03). Inclusive, em 2012, Neuber participou da gravação do DVD de uma banda de forró local, intitulada “Remela de Gato”, banda que gravou a canção do cantor, **Casinha de Abelha** (considerada um grande sucesso local). Cumpre ressaltar que o forró é o estilo musical de preferência de boa parte dos jovens roraimeses e a banda em questão é uma das mais ouvidas por esse público.

No que concerne às séries de ensino, o gráfico 04, adiante, indica em qual série os representantes do Roraimeira foram mais citados, lembrando que meramente 76 adolescentes mencionaram os artistas.

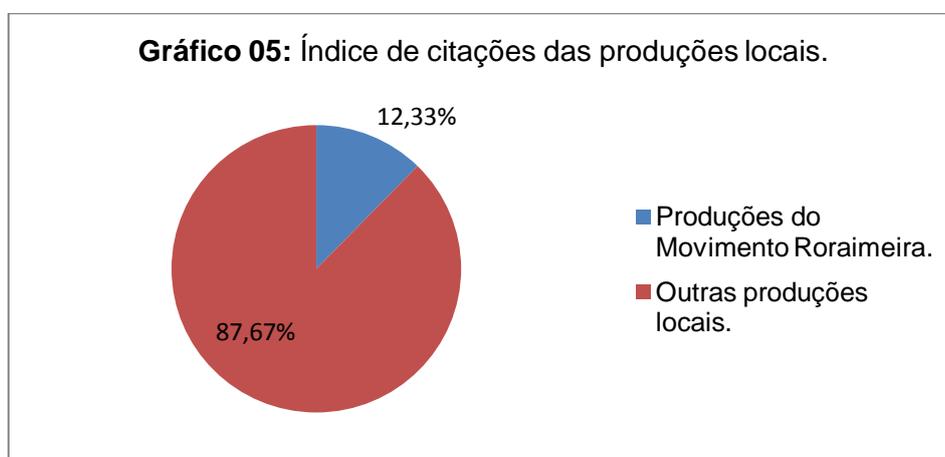


Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Notamos que a prevalência de citações ocorreu no segundo ano do ensino médio, com 47,37% de menções aos representantes. A diferença entre o segundo e o terceiro ano pode ter seguinte justificativa: através das visitas às escolas (para realizar as etapas do projeto gerador: observação; aplicação dos questionários e reuniões com os coordenadores e gestores), pudemos observar que na maioria das instituições de ensino visitadas, no segundo ano do ensino médio as aulas de literatura eram intensificadas quando a escola possuía o ensino técnico, pois, no terceiro ano técnico, havia apenas duas aulas de Língua Portuguesa por semana e, dessa forma, o conteúdo literário não era trabalhado. Já em relação ao primeiro ano, podemos descrever outra situação observada durante as visitas às escolas. Essa situação diz respeito ao baixo número de projetos realizados nessa série de ensino sobre a literatura local. Observamos que a maioria desses projetos era desenvolvida no segundo e no terceiro ano do ensino médio. Inclusive, no ano de 2013, numa oficina realizada na escola C1, um professor de Língua Portuguesa, ao ser questionado sobre a preferência pelo segundo e pelo terceiro ano para a realização de seus projetos, afirmou que os alunos do segundo e do terceiro ano eram mais maduros e tinham mais facilidade de desenvolver as atividades. Cumpre ressaltar que na época da aplicação dos questionários (2010/2011) a literatura local ainda não havia sido inserida no Referencial Curricular do Ensino Médio de Roraima, desse modo, a principal forma de contato entre os alunos e a

literatura local era através de projetos individuais incentivados pelos professores. Assim, podemos pensar que os estudantes do primeiro ano do ensino médio, como não participavam de tais projetos (aparentemente), não tinham muito contato com a produção literária local no ambiente escolar.

O gráfico a seguir apresenta a quantidade de textos locais citados nas seis escolas selecionadas para este estudo, separando a produção do movimento Roraimeira das outras produções locais. Ressaltamos que apenas 73 textos locais apareceram nos questionários dos estudantes.



Fonte: Projeto Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a invenção escolar da Amazônia - CNPq 2010/2012.

Percebemos que somente 12,33%, de um total de 73 alunos apontaram textos do Roraimeira, enquanto que outros textos locais foram aludidos por 87,67% dos estudantes. O total de alunos que citou os textos do Roraimeira corresponde a apenas 09 alunos. Ao calcularmos essa quantidade a partir dos 3.722 participantes da pesquisa, chegamos a um número ainda menor: 0,24% de alunos que indicaram textos do movimento. A partir dessa informação, podemos inferir que são mínimos os índices de recepção da produção do movimento entre a sua segunda geração de possíveis leitores/ouvintes.

Dessa maneira, a continuidade da obra do movimento parece estar comprometida, do ponto de vista de sua recepção pelo grande público, e, segundo Candido (2010), a continuidade é um dos principais elementos da constituição da obra literária. O autor afirma que não há literatura “enquanto,

finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo” (2010, p. 147). Assim, passados mais de 25 anos do surgimento do Roraimeira, a sua segunda geração nos dá indícios de que não há um “diálogo mais ou menos vivo entre criador e público”. (CANDIDO, 2010, p. 84).

Apenas 05 textos do Roraimeira foram citados, são eles: **Cruviana** (1994), **Makunaimando** (1990), **Beiral** (1987), **Brincadeira** (1991) e **Pássaros Ariscos** (1984), sendo que **Beiral** (1987) obteve 03 indicações; **Cruviana** (1994), e **Makunaimando** (1990) foram citados duas vezes cada uma; **Brincadeira** (1991) e **Pássaros Ariscos** (1984) foram citados apenas uma vez.

Algumas questões precisam ser destacadas em relação aos textos citados e aos não citados pelos estudantes. A primeira questão diz respeito à canção **Roraimeira (1984)**, que deu nome ao movimento e é considerada por professores-pesquisadores locais como um dos hinos do Estado. Apesar dessa posição de destaque, a canção **Roraimeira** não apareceu em nenhum dos 3.722 questionários analisados. A segunda questão está relacionada aos livros de caráter didático-pedagógico de Eliakin Rufino, pois, o escritor possui dois livros dirigidos ao público escolar. Entretanto, um desses livros: **Escola de Poesia** (1990) não foi citado pelo seu público-alvo. Apenas o livro **Brincadeira** (1991), direcionado ao mesmo tipo de público, foi citado por um estudante. A terceira e última questão é referente à comparação entre a quantidade de vezes que o nome de Eliakin Rufino foi citado e a quantidade de suas publicações indicadas pelos estudantes. Assim, no universo dos 3.722 questionários, Eliakin foi aludido por 40 estudantes. Entretanto, apenas dois alunos citaram dois de seus livros. Percebemos então que a maioria desses 40 alunos, ao afirmarem conhecer Eliakin Rufino e não citarem títulos de suas publicações, demonstraram não conhecer a obra do escritor. Na verdade, duas respostas encontradas em dois questionários corroboram com esse pressuposto. Na primeira delas, o estudante citou conhecer Eliakin Rufino com a seguinte afirmação: “conheço Eliakin Rufino, mas nunca li nada dele”. Na segunda resposta, encontramos o seguinte comentário: “conheço Eliakin Rufino só de ouvir falar”.

Voltando à recepção por escolas, dos nove alunos que citaram textos do movimento, cinco eram da escola C1 e quatro eram da escola A1. Dessa maneira, novamente notamos a concentração das citações na região central da cidade, situação que nos indica certa limitação de circulação da produção do movimento nas zonas urbanas de Boa Vista.

Considerações finais

Voltemos ao nosso ponto de partida, momento no qual fizemos os seguintes questionamentos: 1. Será que a maior parte do público conhecedor do movimento é formada por uma espécie de “elite cultural”? 2. Há a possibilidade de existência de uma memória coletiva e/ou culto a obra do Roraimeira entre leitores escolares que iniciaram sua vida escolar na primeira década do século XXI, ou seja, entre a possível segunda geração de leitores/receptores do movimento?

Em resposta ao primeiro questionamento, podemos afirmar que os 3.722 questionários respondidos por alunos de ensino médio da cidade de Boa Vista nos deram indícios de que o público jovem conhecedor do Roraimeira é extremamente delimitado, além de prevalecer em regiões centrais e privilegiadas da cidade, pois, a maioria das menções aos representantes do movimento e seus textos ocorreu nas escolas localizadas no centro, na zona norte e na zona sul de Boa Vista, que apresentam diferenças sociais em relação à zona oeste. Nessa zona, ao contrário das demais, o índice de citações foi o menor.

No que concerne ao segundo questionamento, podemos inferir que muitas mudanças devem ocorrer para que de fato exista uma memória coletiva e/ou culto à obra do Roraimeira, tendo em vista que foram mínimas as alusões aos representantes e seus textos, pois, no universo dos 3.722 adolescentes participantes da pesquisa, somente 76 mencionaram representantes do movimento e apenas 09 citaram seus textos.

Vale ressaltar que os resultados apresentados nesta dissertação, embora tenham origem numa grande quantidade de questionários, podem não expressar

a totalidade dos fatos, pois das 22 escolas de ensino médio da cidade de Boa Vista, apenas seis foram analisadas nesta pesquisa.

Embora os resultados obtidos apontem para o fato de que o movimento Roraimeira não é tão representativo de Roraima, isso pode mudar com a incorporação de sua obra ao Referencial Curricular do Ensino Médio do Estado de Roraima (do qual fiz parte, no ano de 2012, e recomendei a leitura e o uso dos textos e músicas do movimento). Se essa incorporação for adotada pelos professores do nosso Estado, talvez haja uma grande mudança na recepção e na continuidade da obra do movimento, pois, conforme discutimos na introdução desta dissertação, a escola é reconhecida como uma *instituição de leitura* (SILVA, 2002). Desse modo, o professor, ao trabalhar os textos do Roraimeira, poderá desenvolver o gosto por tal leitura nos alunos e sabemos que esse processo de transmissão literária na sala de aula é uma das principais bases para a constituição da permanência da obra.

REFERÊNCIAS

ADAIRALBA, Zanny. **Repoetizando**. Belém: Cromos, 2012.

_____. **Palavras em preto e branco**. Belém: Cromos, 2010.

_____. **Micropoemas**. (S/D).

AGUIAR, Walber. **Vias e veias**. Boa Vista. Edição do autor (S/D).

ARANTES, Platão. **A farsa de um Papillon: a história que a França quer esquecer**, 1999.

_____. **Do Caburaí ao Chuí**, 2012.

_____. **Papillon: o homem que enganou o mundo**, 2002.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MIRANDA, Izildinha de Souza. Fitofisionomias e diversidade vegetal das savanas de Roraima. In: BARBOSA, R. I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A. M. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades ambientais**. Boa Vista: FEMACT, 2005.

BORGES, Edgar. **Sem grandes delongas**. Vera Cruz: Editora Novitas, 2011.

_____. **Roraima Blues** (e-book), 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, Amazonas Brasil: **Boa Vista: a história das famílias roraimenses** (S/D).

_____. **Raposa Serra do Sol** (S/D).

_____. **Boa Vista: da Intendência à Câmara Municipal**, 2010.

_____. **Textos publicados na Imprensa de Roraima**, 2010.

_____. **Tudo bem, mas com a corda no pescoço** (S/D);

BRASIL, Cecy. **Coleção Ajuri**, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO. "A literatura e a formação do homem". **Textos de intervenção**. ed. 34 São Paulo: Duas cidades, 2002.

CANDIDO. "O direito à literatura". **Vários Escritos**. São Paulo: EDUSP, 1999.
 CANDIDO. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editara da UFSC, 1999.
 compreensão musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
 CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, Ano I, p. 1-21, outubro de 1995.

COSTA E SOUZA, Jorge Manuel. Etnias indígenas das savanas de Roraima: processo histórico de ocupação e manutenção ambiental. In: BARBOSA, R. I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A. M. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades ambientais**. Boa Vista: FEMACT, 2005.

COX, M.I.P. & ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In M. C. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (Orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2002.

FARIAS, George. **Dança dos sinos**. Belém: Cromos, 2011.

_____. George. **Vocais dos mitos: poemas**. Boa Vista: Gráfica Real, 2003.

FIOROTTI, Devair Antonio. (Org.) **Revista do III YAMIX**. Boa Vista, RR: UERR, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 7^o ed. Lisboa: Nova Veja, 2009.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e História de Roraima**. Manaus: Editora Grafima, 1996.

_____. **Administração da Justiça em Roraima**, 1996.

_____. **Boa Vista: boa de viver**, 2008.

_____. **Mosaico de Sonhos**, (S/D).

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1989.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. **Educação e Literatura**. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUERRA (1994) Apud VERAS, Antônio Rezende Tolrino. Processo de Ocupação do Vale do Rio Branco (cap. I) **A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista-Roraima**. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana) _ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HALL. **Identidade cultural na pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 22 (2), jul./dez. 1997.

HARNONCOURT, Nikolaus. **O discurso dos sons** – caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ISER, Wolfgang. O Jogo do Texto. In **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Coordenação e tradução de LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: colocações gerais. In **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Coordenação e tradução de LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. (1972) Apud ZILBERMAN, **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

JOBIM, José Luís. **A Poética do Fundamento**: ensaios de Teoria e História da Literatura. Niterói: EDUFF, 1996.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação Literária Como Metáfora Social**: desvios e rumos. Rio de Janeiro: EDUFF, 2000.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LINKE, Alexia. **Tudo ao seu tempo: catavento de histórias**, 2010.

_____. **Um e outro**, 2007.

_____. **Tangolomango da massa**, 2005.

_____. **A flor do Tepui**. Boa Vista: Lutador, 2004.

_____. **Ciranda dos contos**. Edição da Autora, 2001.

_____. **O arco-íris coloriu**. Boa Vista: Edição da Autora, 1999.

LOWY, Michael. **Ideologia e Ciência Social**. São Paulo: Cortez, 1985.

MACAGGI, Nenê. **Contos de Amor Sentimentais e trágicos**. Manaus: Imprensa Oficial, s.d.1988.

_____. **A mulher do garimpo**. Manaus: Imprensa Oficial, 1976.

_____. **Dada Gemada: doçura e amargura**. Manaus: Imprensa Oficial, s.d.

_____. **Exaltação ao Verde**. Manaus: Imprensa Oficial, s.d.

MAGALHÃES, Dorval de. **Este mundo esta doente: crônicas**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Graphos, 1986.

_____. **Áurea**. Manaus: Ube,1984.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. Pano de fundo: a Amazônia brasileira. In: **Amazônia, o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1988**. Boa Vista: EDUFRR, 2008.

MIBIELLI, Roberto; SILVA, Mirella Miranda de Brito. **Literatura e Ensino em Roraima: O cânone e a Invenção escolar da Amazônia**. (Projeto fomentado pelo CNPq, aprovado em duas etapas pelos editais Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Universal 2010).

MIBIELLI, Roberto. **Eliakin Rufino e a poesia didática, na didática da poética: metapoesia e estratégias de ensinar poeticamente**. In Anais do II Colóquio Internacional Poéticas do Imaginário: literatura, interfaces, fronteiras / Allison Leão, Juciane Cavalheiro (orgs.). Manaus: UEA Edições, 2010.

MOTA, Darkson. **O Beijo da Dependência Química**, 2006.

NAZAR, Teresa Palazzo. **O sujeito e seu texto: psicanálise, arte, filosofia**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

OLIVERIA, Laucides de. **Uma aventura**, 2011.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica** (UFRR), ano iii, nº6, jul./dez. de 2009. p.27-37.

PINHEIRO, Aroldo. (Org.) **Retalhos**. Boa Vista: Digigraph, 2007.

PRETO, Zeca. **Beiral: poesia**. Boa Vista: Edição do Autor, 1987.

PRETO, Zeca. **Roraimeira** (1984). In OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e Poesia Musicada:

Panorama do Movimento Roraimense a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica**, ano III, nº6, jul./dez. de 2009. p.27-37.

PRETO, Zeca; UCHÔA, Neuber. **Makunaimando** (1990). In OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimense a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica**, ano III, nº6, jul./dez. de 2009. p.27-37.

QUEIROZ, Gean. **Fúria, Pólvora e Escracho: poemas subterrâneos**. Boa Vista: Folha de Boa Vista, 2001.

_____. Gean. **Um Macuxi na Escandinávia: paisagens poéticas ou quase-contos de vida**. Boa Vista: SESC Roraima, s.d.

RENNÓ, Carlos. **Poesia literária e poesia de música: convergências**. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro et al. Literatura e música. São Paulo: Editora Senac, Instituto Itaú Cultural, 2003, p.49 – 71.

RUFINO, Eliakin. **Entrevista** cedida à Leocádia Soares de Oliveira. PIBIC/UFRR, 2011.

_____. **Cavalo Selvagem**. Editora Valer, 2011.

_____. O que é Roraimense. **Revista Raiz**. Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br>. Entrevista cedida à Thereza Dantas, no dia 07 de dezembro de 2006.

_____. **Plural** (2006). In OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimense a partir da cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração. **Revista Acta Geográfica**, ano III, nº6, jul./dez. de 2009. p.27-37.

_____. **Poesia para ler na cama**. Boa Vista, 1997.

_____. **Versão poética do Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1995.

_____. **Poeta de água doce**. Rio de Janeiro: Blocos, 1993.

_____. **Brincadeira**. Boa Vista, 1991.

_____. Eliakin. **Escola de poesia**. Boa Vista: Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima, 1990.

_____. **Pássaros ariscos**. Boa Vista: Edição do Autor, 1984.

_____. **Poemas**. Boa Vista: Bezerra de Menezes, s.d.

SANTORO, Peri. **A Hermenêutica da Performance Musical** – uma poética da interpretação da obra de arte / Peri Santoro. - Rio de Janeiro: UFRJ / 2011.

SANTOS, Adair J. **Roraima: História Geral**, 2010.

_____. **Objetivo de todo Jovem: Vencer**. São Paulo: Edicon, 1991.

_____. **O Livre Arbítrio – na busca da espiritualidade – uma luz no fim do túnel** (S/D).

_____. **História da Livre Iniciativa no Desenvolvimento Socioeconômico do Estado de Roraima** (S/D).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A Produção da Leitura na Escola**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Mirella Miranda de Brito. **A construção de um modelo de identidade amazônica no romance *A mulher do garimpo*, de Nenê Macaggi**. Caderno de Resumo, ABRALIC, 2012.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas; ALMEIDA, Marcelo Mendes; ROCHA, Rafael Alexandre. A Segregação como Conteúdo da Nova Morfologia Urbana de Boa Vista. **Revista Acta Geográfica** (UFRR), ano III, nº6, jul./dez. de 2009.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In T.T da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVÉRIO, Josemir. **Mika: uma infância perdida**, 2010.

SOUSA, Josemar. **No ar**. (S/D).

SOUZA, Glaciele Harr de. **Lugar e Identidade em Ben Charles e Neuber Uchôa**. Dissertação (Mestrado em Literatura, Artes e Cultura Regional) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013. 128 f.

STIERLE, Karlheinz. Que Significa a Recepção dos Textos Ficcionais. In **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Coordenação e tradução de LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

UCHÔA, Neuber. **Casinha de abelha, Boa Vista**, 2012. 1 CD.

_____. **Damurida**, Boa Vista/RR: Vegas, 2008. 1 CD.

_____. **Eu preciso aprender a ser pop**, São Paulo, 2006. 1 CD.

_____. **Muito Prazer**, Rio de Janeiro: Mills, 2002. 1 CD.

UCHÔA, Neuber e PRETO, Zeca. **A nata**, coletânea, Manaus, 2010. 1 CD.

_____. **Mãedioca**, Belém/PA: BR Produções, 2009: 1 CD.

_____. **Amazon Music**, Belém/PA: Gravasom, 1997: 1 CD.

_____. **Makunaimeira**, Belém/PA: Gravasom, 1994: 1 CD.

VERAS, Antônio Rezende Tolrino. Processo de Ocupação do Vale do Rio Branco (cap. I) **A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista- Roraima**. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Geografia Humana) _ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VIEIRA, Ayrton. **Coisinha Assim!**, 2006.

_____. **Você conhece esse moleque de cara Gonzaga**, 2001.

WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Glaciele Harr de. **Estudos de Literatura de Roraima: uma abordagem multidisciplinar e pluricultural**. In Revista Eletrônica Da Universidade Federal De Roraima, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma discussão teórica conceitual. In T.T da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXO 01: Questionário do Projeto Literatura e Ensino em Roraima: o cânone e a invenção escolar da Amazônia.

Questionário para alunos

Dados gerais

Nome:

Escola:

Turno:

Turma:

Município que reside:

1. Você tem o hábito de ler
2. Você gosta de ler?
3. Que tipo de livro você lê?
4. Quantos livros você lê por ano?
5. Cite os títulos de alguns dos livros que você leu no último ano.
6. Você lê textos literários?
7. Você tem aulas de literatura na sua escola?
8. Você gosta das aulas de literatura? Justifique sua resposta.
9. De que tipo de livro de leitura você gosta?
10. Que tipo de livro de literatura você prefere? Cite alguns exemplos.
11. Você tem um livro preferido? Cite o título e o autor.
12. Qual o autor de sua preferência?
13. Você lê textos literários além daqueles que o professor solicita/ que o vestibular exige?

14. Você lê por prazer ou por obrigação?
15. O que ou quem o incentiva a ler () família () amigos () escola () TV () Igreja () formação acadêmica () outros (especifique)
16. Existe algum fator que lhe impeça de ler?
17. Possui livros em casa? (em caso afirmativo, quantos, mais ou menos?)
18. Costuma comprar mais livros: () literários () teóricos/ técnicos () entretenimento () autoajuda/ esotérico/religiosos () não compra livros
19. Onde consegue/adquire os livros que lê?
20. Há bibliotecas públicas na sua cidade? Quais são?
21. Costuma frequentar estas bibliotecas? Para fins pessoais ou escolares (trabalhos, pesquisas, etc) ?
22. Há biblioteca na escola em que você estuda? A biblioteca permite levar livros para casa?
23. Costuma frequentar a biblioteca da escola em que você estuda?
24. Seu (sua) professor (a) de literatura o incentiva a utilizar a (s) biblioteca (s) pública (s) (caso haja biblioteca pública na sua cidade) ? Com que fim?
25. Seu (sua) professor (a) de literatura o incentiva a utilizar a biblioteca escolar (caso haja biblioteca na sua escola) ? Com que fim?
26. Você costuma ler os textos que o (a) professor (a) recomenda? Que impressões você tem destas leituras?
27. Você lê textos literários além daqueles que o professor solicita/ que o vestibular exige?
28. O (a) seu (sua) professor (a) de literatura propõe a leitura de textos literários extensos (romances, novelas, épicos e peças teatrais)? Caso a

resposta seja afirmativa, você lê esses textos na versão integral (texto completo) ou condensada (resumo de livro, internet, etc)?

29. Você já leu, na escola, algum romance de José de Alencar? Quais? Qual o trabalho realizado em sala de aula de aula a partir desse texto?

30. Você conhece algum autor da Região Amazônica (preferencialmente de Roraima)? Qual (is)? E que quais obras dele você conhece? Ele(s) é são de RR?

31. Você conhece algum texto/mito/lenda de origem indígena? Ele foi trabalhado em sala de aula? Qual (is)?

32. Você conhece algum texto de autores venezuelanos e/ ou guianenses

ANEXO 02: Entrevista de Eliakin Rufino à Revista Raiz

Por Revista RAIZ.

07 de dezembro de 2006

Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br>

Por Thereza Dantas

O que é a Roraimeira?

Roraimeira é o nome de uma música do cantor e compositor paraense Zeca Preto. Esta música foi classificada em 2º lugar no II Festival de Música de Roraima que aconteceu em julho de 1984. É a primeira música que fala do povo e da paisagem de Roraima. O sucesso foi imediato. Eu também fazia música regionalista e já conhecia Zeca Preto. Outro compositor que abordava a mesma temática era o Neuber Uchôa. Então nós resolvemos nos juntar e fazer um show com as nossas composições que falavam de Roraima e da Amazônia. A estréia do show foi em agosto de 1984 no Teatro Amazonas, em Manaus. Batizamos o show de Roraimeira. O primeiro show foi realizado em Manaus porque eu era estudante de Filosofia na Universidade do Amazonas e já me apresentava e fazia shows na cidade. Resolvemos fazer o show em Boa Vista em outubro de 1984. O sucesso foi estrondoso. Casa lotada, as pessoas emocionadas de ouvirem pela primeira vez um repertório que falava da nossa cultura e da nossa paisagem natural.

Outros artistas, de outras linguagens artísticas, que também utilizavam a temática local nas suas obras, se juntaram a nós: nasceu aí o Movimento Cultural Roraimeira, inspirado no Movimento Modernista e no Movimento Tropicalista, com o objetivo de construir uma estética local e começar a esboçar

e revelar uma identidade cultural para o povo de Roraima.

Somos uma sociedade plural e de fronteira. Aqui em Roraima vivem brasileiros de todas as partes do país e mais os estrangeiros da Venezuela e Guyana. A proximidade com o Caribe, a forte influência nordestina em Roraima, a marcante presença dos povos indígenas e a distância do resto do Brasil, tudo isso foi configurando um movimento cultural (música, literatura, fotografia, artes plásticas, dança) que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como a marca da nossa identidade.

Lançamos livros, discos, shows, exposições, viagens por diversas cidades brasileiras, programas de rádio e de televisão. O trio Eliakin, Neuber e Zeca sempre estiveram na linha de frente do Movimento, mas outros nomes devem ser destacados como Vânia Rufino na dança, Elieser Rufino e Luiz Canará nas artes plásticas, os fotógrafos Jorge Macedo e Wank Carmo, entre outros.

Porque vocês pararam com o movimento?

O trio roraimeira - Eliakin, Neuber, Zeca - ficou junto durante 16 anos (1984-2000) Durante esse período cada um de nós deu continuidade a sua própria carreira solo explorando outras temáticas diferentes do regionalismo. O show regionalista era composto de um repertório que ressaltava a beleza de Roraima e por isso servia de divulgação turística do estado. Mas não cabia nesse show músicas com letras mais críticas que abordavam os principais problemas da região como a questão indígena e a questão ambiental. Então, em 2000, nós gravamos um CD ao vivo O CANTO DE RORAIMA E SUAS INFLUÊNCIAS INDÍGENAS E CARIBENHAS e encerramos um ciclo. Mas outros artistas, em outras linguagens deram continuidade. Hoje chamamos de arte Roraimeira qualquer arte que tenha Roraima como temática principal. Por exemplo, a índia macuxi Carmézia Emiliano, para quem eu dei de presente telas, tintas e pincéis em 1991 para que ela pudesse pintar a vida na maloca, acaba de ganhar agora

o prêmio aquisição do Salão de Arte Naif de Piracicaba e estará em setembro aí em SP para receber o prêmio. Ela é um artista Roraimeira. Nossos filhos, quase todos são artistas. O movimento se reproduz e não está parado.

Quais livros vocês editaram?

Eu publiquei os seguintes livros de poesia: Pássaros Ariscos (1984) Poemas (1987) Escola de Poesia (1990) Brincadeira (1991) Poeta de água doce (1993) Versão poética do Estatuto da Criança e do Adolescente (1995) Poesia para ler na cama (1997) e Poeta de água doce, 2ª Edição em 1999.

A discografia do trio é o LP RORAIMA (1992) e O CANTO DE RORAIMA E SUAS INFLUÊNCIAS... (2000).

E tanto eu, como Neuber e Zeca lançamos discos solos com temática livre, fora do regionalismo.

Algum veículo de comunicação do sudeste tomou conhecimento desse movimento?

Nós produzimos, em 1992 uma série de programas pra TV Educativa, aqui de Roraima e depois reunimos uma edição de melhores momentos que foi exibida pela Rede Brasil, em julho de 1992, durante a realização da ECO/92. Fizemos shows em diversas cidades brasileiras, mas o show mais importante do trio foi no CCBB do Rio, no projeto Cantoria Amazônica, em janeiro de 2000. Eu fiz uma pequena turnê solo na Alemanha (Frankfurt e Berlim) com um show regionalista. Neuber e Zeca Preto fizeram um show na Suíça.

Obrigado pelo interesse, um cheiro do norte pra você,
Eliakin

Glossário

Paçoca (carne de sol com farinha de mandioca pilada) com banana é prato típico de Roraima e os integrantes do Movimento Roraimeira inventaram esses verbos: paçocar e bananar. Macuxi: Tribo indígena mais conhecida de Roraima